

RA

REVISTA
ADVENTISTA

Erguendo a nossa **Ebenézer!**

20

**OLHA O
QUE EU VI**

Respeitar os
idosos

23

**JORNADAS
DE FÉ**

Jorge Silva

46

HISTÓRIA

Raios de luz

PUBLICADORA SERVIR
AGOSTO 2024
N. 927 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.

agosto

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|----|-----|----|----|----|----|----|
| 28 | 29 | 30 | 31 | 1 | 2 | 3 |
| 4 | [5] | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-14 ACNAC COMPANHEIROS E EMBAIXADORES

15-25 IMPACTO

22-29 FORMAÇÃO SERVIÇO DE MÚSICA E LITURGIA

21-31 ACNAC FAMÍLIAS

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

30 CONCERTO SERVIÇO DE MÚSICA E LITURGIA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/7-2/8 PUBLICADORA SERVIR (PTU)

5-9 UNIÃO ROMENA (ROU)

12-16 CENTRO HOPE MEDIA DA ÁUSTRIA (AUS)

19-23 LAR DE FRIENDENSAU (NGU)

26-30 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[5] SEGUNDA-FEIRA

setembro

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|------|------|----|----|----|----|----|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | [9] | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | [16] | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| [29] | 30 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

7 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE MADEIRA E AÇORES

14 e 15 ENCONTRO DOS AGRICULTORES ADVENTISTAS

15 DIA NACIONAL DE ORAÇÃO DAS FAMÍLIAS | FORMAÇÃO SAL

21 COMISSÃO DE NOMEAÇÕES REGIONAL LISBOA E VALE DO TEJO (JA)

21 e 22 DIA MUNDIAL DOS DESBRABADORES, JORNADAS REGIONAIS E DE SENSIBILIZAÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA (JA E MM)

22 COMISSÃO DE NOMEAÇÕES REGIONAL SUL (JA)

27-30 ENCONTRO 60+

28 INÍCIO DAS COMEMORAÇÕES DOS 120 ANOS DA CHEGADA DO ADVENTISMO A PORTUGAL | COMISSÃO DE NOMEAÇÕES REGIONAL CENTRO (JA)

29 COMISSÃO DE NOMEAÇÕES REGIONAL NORTE (JA) | DIA NACIONAL DO VOLUNTARIADO – FEIRA DE SERVIÇOS (ADRA)

30 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 INSTITUTO TEOLÓGICO SAZAVA (CSU)

9-13 ASSOCIAÇÃO DA MUNTÉNIA (ROU)

16-20 ASSOCIAÇÃO DA HANSA (NGU)

23-27 UNIÃO ESPANHOLA (SPU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[9] SEGUNDA-FEIRA

[16] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[29] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL
Desafios

05

ATUALIDADE
Benefícios ou malefícios da religião
Uma das grandes controvérsias da atualidade nas sociedades ocidentais.

11

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL
Justiça. Compaixão. Amor.
O lema da ADRA explicado ao pormenor.

15

GRAVADO NA PEDRA
À volta de um cilindro escrito pelo rei persa Ciro II
Um documento importante para a compreensão do fim do exílio dos Judeus em Babilónia.

20

OLHA O QUE EU VI
Respeitar os idosos
Um desafio para a Sociedade dos nossos dias.

23

JORNADAS DE FÉ
Jorge Silva
O percurso de um missionário português.

29

CRESCER NA GRAÇA
Convite a uma refeição substancial (Parte II)
Uma aproximação a Deus por via do Seu santuário.

35

ESPÍRITO DE PROFECIA
Aqui ergo a minha Ebenézer
A necessidade da memória sobre o tempo dos Pioneiros, para que não percamos o rumo.

38

PÁGINA DA FAMÍLIA
O mito da neutralidade
Não é possível ser-se neutro na vida espiritual. Há que escolher a quem servir.

40

ESPAÇO UNIVERSITÁRIOS
Igreja conformada/
Jovens inconformados
Uma expressão da vontade de participar na missão que anima a Juventude Adventista.

42

HERÓIS DA BÍBLIA
A viúva de Sarepta
Conhece uma das personagens mais humildes do Antigo Testamento.

46

HISTÓRIA
 Raios de luz
A história providencial da primeira Revista Adventista.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Desafios

Vivemos tempos de rápida transformação cultural. A Tecnologia avança a passos largos e molda hábitos, comportamentos e até crenças. Redes sociais, entretenimento digital e globalização criam um ambiente onde os valores e as ideias se disseminam a grande velocidade. Diante deste cenário, a Igreja precisa de refletir sobre como se posicionar e responder a estes desafios.

Em Romanos 12:2, temos uma orientação clara: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” Paulo convida-nos a uma vida de transformação e discernimento espiritual, para não nos conformarmos com os padrões mundanos, mas buscarmos a renovação através da mente de Cristo.

Um dos maiores desafios é a relativização da verdade. “A Bíblia é a voz de Deus a falar-nos, exatamente como se pudéssemos ouvi-l’O com os nossos ouvidos.”¹ Numa Sociedade onde o individualismo e o subjetivismo imperam, a verdade é vista como algo fluido e pessoal. Mas a mensagem bíblica apresenta-nos a verdade como objetiva e eterna, personificada em Jesus. Precisamos de reafirmar essa verdade na nossa vida e na nossa Igreja e proporcionar uma base sólida face à incerteza.

Outro desafio é a influência dos Meios de Comunicação. A constante exposição a conteúdos que promovem valores contrários aos ensi-

nos bíblicos pode minar a fé dos Cristãos. “Mediante a operação do Espírito Santo na mente humana, o Homem torna-se completo em Cristo Jesus.”² Portanto, a nossa mente deve ser filtrada pelo Espírito Santo, para discernirmos o que consumir e como isso nos afeta.

A cultura mundana também exalta a autossuficiência e a independência. A Igreja é chamada a viver em unidade e amor fraterno, demonstrando uma alternativa à fragmentação e ao isolamento prevalentes na Sociedade.

Por fim, o desafio do pluralismo religioso e moral exige que sejamos não apenas defensores da fé, mas também embaixadores do amor de Cristo. Precisamos de nos empenhar no mundo de maneira respeitosa e compassiva, e demonstrar que a mensagem do Evangelho é relevante e transformadora.

Com tantos desafios, é essencial mantermos os olhos fixos em Cristo, a verdadeira Fonte de sabedoria e de discernimento, e permitir que Ele renove a nossa mente e transforme a nossa vida para refletirmos a Sua glória. Aceita o desafio de Jesus?

Que a nossa resposta cultural seja marcada pela fidelidade a Deus e pelo compromisso com a Sua verdade!

1

Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais*, p. 131, ed. P. SerVir.

2

Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 1, p. 30.

Benefícios ou malefícios da religião

Será que a crença religiosa pode trazer uma vantagem para a vida humana?



Bruce Manners
Pastor

A religião tem sido frequentemente difamada como um mal, tanto na Imprensa como na cultura popular. Mas não será que a crença religiosa pode trazer uma vantagem para a vida humana?

É verdade que a religião nem sempre tem boa fama. E, por vezes, isso é merecido.

Pense nas Cruzadas. Ou em Martinho Lutero – um herói cristão entre os Protestantes – que apelou ao extermínio dos Judeus. Pense na seita Templo do Povo, fundada por Jim Jones, e no suicídio em massa de 900 dos seus membros, em 1978. Pense na colisão dos aviões com as torres gémeas de Nova Iorque. Pense em David Koresh e na sua seita, o Ramo Davidiano. Esta é uma curta lista, meramente ilustrativa. E, sendo Cristão, foquei-me, com uma exceção, em grupos ou indivíduos com raízes cristãs que acho serem vergonhosamente opostos ao ensino de Cristo. Tenho a certeza de que o Lector poderia sugerir mais ilustrações semelhantes. Não admira que o filósofo Ateu Bertrand Russel tenha descrito a religião em geral como “uma doença nascida do medo, fonte de inenarrável miséria para a espécie humana”.

A religião ao microscópio

O psicólogo David DeSteno faz notar que “a Ciência e a religião têm estado frequentemente em conflito”.¹ No entanto, na sua pesquisa sobre a religião, ele primeiro separa as crenças ou a teologia, por um lado, da prática religiosa, por outro. Em vez de se ter em consideração a crença dos vários grupos religiosos, ele e a sua equipa de investigação consideraram “os ritos, os costumes

e os sentimentos”. Ele explica que, ao longo do tempo – por vezes, ao longo de milhares de anos –, estes ritos, costumes e sentimentos que foram desenvolvidos no que ele chama “as grandes complicações da vida, e não em laboratórios esterilizados, levaram à criação do que podemos chamar ‘tecnologias espirituais’ – ferramentas e processos destinados a suavizar, comover, convencer ou enganar a mente”.

“Estudar estas tecnologias revelou que certas práticas religiosas, mesmo quando removidas do seu contexto espiritual, são capazes de influenciar a mente das pessoas de um modo mensurável que é procurado pelos psicólogos.” Isto permitiu a DeSteno comparar a eficácia destes costumes.

Ele e os seus colegas ficaram surpreendidos quando descobriram provas dos reais benefícios da religião. Eles reconheceram que isto era “um sinal da nossa arrogância, nascida de uma noção comum existente entre os cientistas: toda a religião é



superstição e, portanto, tem pouco benefício prático”.

“Admito que dificilmente aprenderemos muito sobre a natureza do Universo ou sobre biologia patológica com a religião. Mas quando se trata de formas de ajudar as pessoas a lidar com o nascimento e a morte, a moralidade e o significado da vida, o luto e a perda, seria estranho, se milhares de anos de pensamento religioso não tivessem algo para nos oferecer.” Embora fazendo notar que a Ciência e a religião parecem não ser compatíveis, DeSteno admite: “Quando se olha para a prática quotidiana da fé religiosa, a animosidade no debate evapora-se.”

Ele agora vê a Ciência e a religião como “duas abordagens que frequentemente se complementam”. Caso o Leitor se interrogue, “não é o caso que eu tenha descoberto a fé ou tenha uma nova motivação para defender a religião. Eu creio firmemente que o método científico é uma maravilha e oferece uma das melhores formas de

David Robson, escritor sobre Ciência, diz que “os benefícios da redução do stresse e do aumento da longevidade resultantes da religião podem oferecer estratégias úteis, mesmo para os não-crentes”.

testar ideias sobre como funciona o mundo. Como qualquer bom cientista, estou simplesmente a seguir os dados sem qualquer preconceito. E isso torna-me humilde”.

Outras vozes

David Robson, escritor sobre Ciência, diz que “os benefícios da redução do stresse e do aumento da longevidade resultantes da religião podem oferecer estratégias úteis, mesmo para os não-crentes”. Doug Oman, professor de Saúde Pública na Universidade da Califórnia (Berkeley), diz: “As tradições religiosas e espirituais dão acesso a diferentes métodos de se fazer face às dificuldades que têm benefícios claros.”

Robson acrescenta: “Portanto, estudar os benefícios de aumento da longevidade resultantes da prática religiosa pode oferecer estratégias úteis para qualquer pessoa – de qualquer fé ou de nenhuma – viver uma vida mais saudável e mais feliz. [...] O conjunto de provas que ligam a prática da fé a uma melhor saúde tem vindo a ser descoberto ao longo das últimas décadas e agora abrange milhares de estudos.”

A pesquisa “descobriu que os dados do compromisso religioso de alguém,



como, por exemplo, com que frequência frequenta a igreja, foram consistentemente associados com um espectro de resultados, incluindo um risco menor de depressão, ansiedade e suicídio e uma redução da presença de doenças cardiovasculares e de morte por cancro”.

Um estudo do *Pew Research* nos Estados Unidos da América e “em mais de duas dúzias de outros países” descobriu que “a participação regular numa comunidade religiosa está claramente ligada com níveis mais elevados de felicidade e de empenho cívico (como votar, aderir a grupos comunitários ou outras organizações de voluntários)”. Os pesquisadores descobriram que os indivíduos religiosamente ativos também “tendem a fumar e a beber menos, mas não são mais saudáveis em termos de frequência de exercício físico e de taxas de obesidade”.

O relatório sugere que as Sociedades com um decréscimo nos níveis de empenho religioso podem estar a arriscar um declínio no bem-estar pessoal e social. Vale a pena sublinhar que a afiliação religiosa, por si mesma, não leva a mais felicidade pessoal ou a mais envolvimento cívico. O *pacote* religioso e o envolvimento são ambos importantes.

Seis benefícios da religião

Andy Tix, professor de psicologia, descobriu cinco benefícios peculiares da religião. Individualmente, eles podem não ser peculiares à religião, mas, juntos, abarcam o que acontece no seio dos principais grupos e nas principais reuniões religiosas, particularmente entre os Cristãos. O sexto benefício foi encontrado noutra pesquisa.



1. A Comunidade é inerente à religião.

“A religiosidade inclui empenhamento num grupo de pessoas que, até certo ponto, partilham valores e comportamentos semelhantes.” Tix acrescenta que, em países desenvolvidos, a pertença e o envolvimento em clubes e outros grupos sociais tem vindo a declinar desde a década de 1960. “Com um crescente individualismo, o isolamento e a solidão estão a aumentar e são frequentemente identificados como as forças motrizes por detrás dos crescentes níveis de doenças psíquicas. Os seres humanos demonstram ter uma forte necessidade de pertença. A religião ajuda a satisfazer esta necessidade.”

2. A religião expõe-nos a diferentes perspetivas.

“As comunidades religiosas podem incluir indivíduos que podem ser surpreendentemente diferentes uns dos outros. De facto, as reuniões religiosas podem fornecer uma via crescentemente rara na nossa Sociedade para voltar a reunir pessoas com diferentes antecedentes.” Ele usa o exemplo de congre-



gações onde se misturam ricos e pobres e em que os “indivíduos podem ser forçados a alargar a sua perspetiva ou a debater-se com intuições que poderiam não ter identificado por si mesmos”.

3. Os ritos religiosos criam significado.

Muitos destes ritos são passados de geração em geração. Realizar ritos antigos pode ajudar os envolvidos neles a “experimentarem um profundo senso de sentido ou de reverência”. “Os ritos podem ser especialmente bem-vindos durante épocas de transição, como o nascimento, a morte, o casamento e outros ‘ritos de passagem’.”

4. A religião enfatiza frequentemente a música.

“Não há muitas oportunidades para as comunidades locais cantarem, tocarem ou escutarem música ao vivo em comunhão, mas as comunidades religiosas fornecem frequentemente essa possibilidade.” Além do mais, a música sacra pode ter os seus benefícios únicos, como pode ser visto em indivíduos que ficam emocionados a ponto de chorarem ou

de se arrepiarem durante essas experiências musicais. Desta forma, a música de louvor pode ser uma poderosa fonte de emoção para muitas pessoas.

5. A religião encoraja a ação coletiva.

Há muitos benefícios importantes resultantes de se participar numa instituição que prioriza a ação. Isso pode tornar mais fácil levar a pessoa a envolver-se numa causa destinada a fazer uma diferença significativa na Sociedade. Afinal, a História mostra que a religião desempenhou um papel significativo na criação de hospitais, centros de saúde, escolas e lares de terceira idade ou de pessoas com deficiência. “Os indivíduos que prestam o seu auxílio nesses esforços sociais podem sentir que têm um maior propósito na vida. Eles podem, de facto, ajudar a tornar o mundo melhor.”

6. A religião ajuda-o a viver mais tempo.

Laura Wallace, da Faculdade de Economia da Universidade de Chicago, examinou os obituários de 1000 indi-

A História mostra que a religião desempenhou um papel significativo na criação de hospitais, centros de saúde, escolas e lares de terceira idade ou de pessoas com deficiência.



víduos e reparou se eles apresentavam ou não evidência de filiação religiosa – o que indicaria que a sua fé tinha sido um elemento importante da sua identidade ou não.

Ela publicou os seus resultados em 2018 e notou que “as pessoas assinaladas pela sua fé viveram, em média, mais 5,6 anos do que aquelas que não tinham assinalado a sua religião”. Ela complementou esta pesquisa pesquisando os obituários de Des Moines, no Iowa, EUA, e descobriu que “a diferença era ainda maior – cerca de 10 anos no total”. A influência da religião na longevidade, diz ela, “está a par com a importância de evitar grandes riscos para a saúde – como fumar”.

A religião é boa para si...

Existem provas adequadas de que a religião é boa para nós, com o envolvimento sendo um fator significativo. DeSteno dá-nos outra contribuição útil. Depois de clarificar que não pretende ser visto como um apologista da religião, ele diz: “O meu objetivo não é argumentar que a religião é sempre boa. Eu reconheço

plenamente que as crenças religiosas têm sido usadas para motivar e justificar atos horrendos de violência e abuso, para perpetuar muitos tipos de discriminação e desigualdade e para empurrar as pessoas para muitos tipos de comportamento irracional. O valor da religião depende das intenções daqueles que a usam. Sim, algumas das ferramentas que as religiões fornecem podem ser usadas para propósitos malignos. Mas isso não é razão para se condenar todo o fenómeno religioso, especialmente quando há amplas provas de que outros itens na caixa de ferramentas da religião podem ajudar a promover os traços mais nobres das pessoas.”

Assim, a boa religião dá dividendos aos seus praticantes. Aqueles que são pessoas de fé são os que podem tornar boa essa fé quando usam a caixa de ferramentas da religião “para ajudar a promover os traços mais nobres das pessoas”. É isso que torna boa a religião!

1

Todas as citações de David DeSteno são retiradas do seu livro *How God Works: The Science Behind the Benefits of Religion*, Simon & Schuster, 2021.



Cármen Maciel
*Diretora-Executiva
da ADRA Portugal*

Justiça. Compaixão. Amor.

**“Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?”
Miqueias 6:8.**

A ADRA (Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência) representa, há 40 anos, o braço humanitário da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), a nível mundial, fazendo da solidariedade uma prática quotidiana, com o propósito de servir a

Humanidade para que todos possam viver como Deus desejou – de acordo com a sua declaração de missão.

Em Portugal, através de um escritório central e das suas 109 Delegações locais, a ADRA atua em linha com a rede internacional, promovendo pro-

gramas, projetos e ações que ajudam a satisfazer as necessidades básicas e a restaurar a dignidade humana.

Baseada no texto de Miqueias 6:8, a ADRA tem como mote global três palavras: **Justiça, Compaixão e Amor**, sobre as quais gostaria de discorrer nas próximas linhas.

Nem sempre o trabalho de promover a **justiça** tem sido automaticamente associado à missão da ADRA, mas estamos cientes de que a defesa do nosso semelhante, em especial daqueles que não se podem defender por si mesmos, é uma comissão dada por Deus – que o sábio Salomão soube muito bem traduzir por palavras, no texto de Provérbios 31:8 e 9: “Abre a tua boca a favor do mudo, pelo direito de todos os que se acham desamparados. Abre a tua boca, julga retamente, e faz justiça aos pobres e aos necessitados.”

A história por trás deste versículo começa com o rei Salomão, que é considerado o autor do livro de Provérbios. Ele escreveu estes ensinamentos para o seu filho, Roboão, que seria seu sucessor no trono de Israel. Salomão sabia que ele precisaria de sabedoria e discernimento para governar com justiça e compaixão num contexto histórico e cultural marcado pelo patriarcalismo, onde as mulheres, as viúvas, os órfãos, os pobres ou os estrangeiros tinham poucos direitos e eram frequentemente oprimidos e explorados.

Indivíduos nessas condições não poderiam responder por si; precisariam de pessoas ou de instituições que falassem por eles, que os protegessem e os defendessem; razões pelas quais o sábio Salomão deixa então esta advertência de lutar pela justiça ao seu filho.

Ao longo destas últimas quatro décadas, a ADRA tem assumido causas na defesa dos mais desprotegidos, a fim de garantir que todos os membros da Sociedade tenham acesso aos mesmos direitos e oportunidades.

Recordo as duas grandes campanhas mundiais de sensibilização levadas a cabo pela ADRA em articulação com a IASD.

Uma lançada em 2009, intitulada “*End it now. Adventists Say No to Violence*”, que pretendeu sensibilizar as pessoas para a necessidade de defenderem o fim da violência doméstica contra mulheres, raparigas e homens. Esta iniciativa baseou-se na longa tradição da IASD em responder às necessidades de todos os seres humanos, nomeadamente de se levantar a favor dos direitos humanos, da tolerância, do bem-estar das crianças, da liberdade de expressão e de consciência e da proteção e integridade das famílias.

E outra realizada em 2019, intitulada “Todas as crianças. Em todo o mundo. Na escola.”, que, ao recolher mais de um milhão de assinaturas, serviu como uma chamada de atenção urgente dirigida aos líderes mundiais relembrando que todas as crianças, independentemente da etnia, da idade, da nacionalidade, do género, da religião ou da origem, têm o direito de obter e completar uma educação e que estar na escola é o reconhecimento do valor e do potencial de cada criança individualmente.

Seguindo o conselho de Salomão, podemos lutar pela defesa dos desamparados com sabedoria e discernimento, buscando entender as necessidades e os desafios específicos de cada grupo

vulnerável e trabalhando para encontrar soluções práticas e sustentáveis. Também podemos ensinar este princípio aos nossos filhos e à próxima geração, modelando a solidariedade na nossa vida e incentivando-os a envolverem-se em atividades que promovam a defesa dos desamparados e a justiça social.

Jesus, enquanto viveu nesta Terra, foi o expoente máximo da **compaixão**. O Seu ministério foi marcado por verbos de ação que demonstram o quanto Se compadeceu dos desamparados: visitou, curou, libertou, alimentou, defendeu e deu esperança. Mateus, no seu relato do capítulo 9, versículos 35 e 36, descreve esse Seu ministério compassivo: **“Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do reino e curando todas as enfermidades e doenças. Ao ver as multidões, tinha compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor.”**

É este exemplo que nos motiva e orienta. As advertências bíblicas, neste domínio, são claras:

- “Sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes” (I Pedro 3:8).
- “Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele” (I Coríntios 12:26).
- “Como povo escolhido de Deus, santo e amado, revestam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência” (Colossenses 3:12).

Nas Escrituras, compaixão significa, literalmente, “sofrer com outrem”.

Também quer dizer demonstrar simpatia, piedade e misericórdia por outra pessoa. E este é um tipo de ministério no qual cada um de nós, individualmente, se pode envolver. Diria até que é um tipo de ministério que deveria moldar de tal forma o nosso caráter que estes atributos passassem a fazer parte natural da nossa conduta diária.

A conhecida “Parábola do Bom Samaritano” (Lucas 10:25-37) fala de um homem que, vendo alguém ferido e maltratado, se “moveu de íntima compaixão”. A sua piedade impeliu-o a agir em favor da vítima. “O sacerdote e o levita [que se depararam com a mesma situação] talvez perguntassem: ‘Se eu ajudar este homem, o que me vai acontecer?’ O Samaritano talvez tenha perguntado a si mesmo: ‘Se não ajudar este homem, o que lhe vai acontecer?’ Nessa história, o Samaritano altruísta pôe-se no lugar da vítima e passa à ação”.¹

O mundo precisa de mais Samaritanos e de mais compaixão. A maioria de nós limita-se a sentir pena ou tristeza por quem sofre de carências, por quem é forçado a deixar o seu país ou por quem vive nas margens da Sociedade. No entanto, esse sentimento de passividade não gera qualquer mudança. Precisamos de ser compassivos, porque, ao fazê-lo, assumimos uma atitude ativa, a única que faz o possível para reduzir o sofrimento de outras pessoas.

Poderíamos afirmar que o ideal de amar o próximo como a nós mesmos é, provavelmente, aquele que nos permite servir, partilhar, buscar a igualdade, ser hospitaleiros, praticar a justiça e sermos compassivos, ajudando-nos a cumprir a missão global da ADRA através da ação

local. Como enfatiza o conhecimento conjunto de versículos de I Coríntios 13, sem **amor** nada somos!

Amar os que nos rodeiam é um desafio e, simultaneamente, uma oportunidade maravilhosa que nos é dada para que trabalhemos os corações endurecidos pelo individualismo, pelo egoísmo e pela maldade.

O amor deveria ser de tal forma intrínseco que o apóstolo Paulo, numa das suas cartas aos Tessalonicenses, afirmou: **“No tocante ao amor fraternal, não há necessidade de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus para que vos ameis uns aos outros” (I Tessalonicenses 4:9).**

Dwight Nelson, no seu livro *Proseguindo a Paixão de Jesus*, questiona: “O que leva Deus às lágrimas? O que faz o Seu coração doer de desejo? Se Deus pudesse dormir, o que O manteria acordado durante a noite? Qual foi e é a verdadeira ‘paixão’ de Jesus?”

Na contracapa do livro pode ler-se: “Os meros frequentadores de igreja podem ficar surpreendidos com a resposta. Mas os verdadeiros seguidores de Jesus não ficarão, porque sabem que a resposta não está num banco almofadado [de igreja], está num passeio de rua, numa clínica com falta de pessoal que trata pessoas com SIDA, num abrigo para mulheres maltratadas, num campo de refugiados, num projeto habitacional no centro da cidade infestado de drogas e gangues. Jesus tem um caso de amor apaixonado para com os pobres. Os oprimidos. Os marginalizados. Os esquecidos. E em nenhum lugar das Escrituras esta paixão é mais claramente definida do que no capítulo cinquenta

e oito de Isaías – o apelo apaixonado de Deus ao Seu povo adormecido para que se preocupe com as coisas com que Ele Se preocupa.”²

Dwight Nelson ajuda-nos a compreendermos que amar os menores, através de um ministério pessoal e prático para com aqueles que sofrem, nos ajuda a cumprirmos o propósito de Deus para a nossa vida. Como Cristãos, a nossa vocação não é ver o mundo passar. Tirar o mundo da sua miséria coletiva é a nossa vocação.

Nos últimos 40 anos, a ADRA ofereceu vírgulas a muitos que pensaram que a sua vida estava perante pontos finais, de modo que pudessem continuar a escrever a sua história, com a dignidade e o bem-estar que o nosso Criador idealizou para cada um de nós. É um privilégio tremendo fazer parte desta família que promove a justiça, a compaixão e o amor, até ao dia em que a ADRA não será mais necessária.

Que as nossas orações sejam acompanhadas por ações significativas, enquanto continuamos a empreender esforços para restaurar a dignidade e o bem-estar que Deus planeou para cada um de nós quando criou a Humanidade, capacitando vidas, promovendo a mudança através da educação, dos meios de subsistência, da saúde e da resposta a emergências.

¹

Gaspar e May-Ellen Colón (2016). *O papel da Igreja na comunidade*. Sabugo: Publicadora SerVir, p. 66.

²

Dwight Nelson (2005). *Pursuing the Passion of Jesus: How “Loving the Least” Helps You Fulfil God’s Purpose for Your Life*. Nampa: Pacific Press.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

À volta de um
cilindro escrito pelo
rei persa Ciro II

Em 1879, nas escavações arqueológicas da cidade de Babilónia (no atual Iraque), organizadas pelo Museu Britânico e conduzidas por Hormuzed Rassam, foi descoberto um pequeno artefacto de argila cozida, em forma de barril, que se encontra atualmente exposto em Londres (Rawlinson, 1880: 70).

A peça, denominada como o *Cilindro de Ciro*, contém 45 linhas de texto cuneiforme, gravado em dialeto acadiano, sendo um dos mais interessantes escritos mesopotâmicos trazidos à luz pelos arqueólogos.

O documento epigráfico foi mandado gravar pelo rei persa Ciro II, o Grande, após a conquista da nação babilónica e a reconstrução da cidade. Este monarca governou o Império Aqueménida entre 559 e 530 a.C..

O exemplar é semelhante a muitos outros textos cuneiformes descobertos na Mesopotâmia, gravados em pedra, madeira, metal e, sobretudo, em barro (pela maior facilidade de obtenção deste material).

O cilindro está partido em vários fragmentos e tem 22cm de comprimento total, apresentando maior diâmetro no centro e estreitando ligeiramente nas extremidades, dando-lhe um toque de elegância. O formato cilíndrico não é muito comum e poucas civilizações antigas usaram suportes escritos com essa morfologia. Na verdade, a maioria dos textos desse período foi redigida em tabuinhas planas.

O documento começa com um prólogo que descreve a linhagem real de Ciro e enumera os erros do anterior rei da Babilónia, chamado Nabónido,

destacando que os seus maus comportamentos levaram o deus Marduque a convocar o rei persa Ciro, para derrubar Nabónido e restaurar os templos do culto de Marduque na Babilónia (Stolper, 2013: 2).

O texto prossegue exaltando os feitos de Ciro como benfeitor dos habitantes de Babilónia, detalhando as decisões promulgadas pelo soberano, nas quais estabelece que todas as pessoas fossem tratadas com justiça, sem qualquer discriminação racial ou religiosa.

De facto, os registos escritos do próximo oriente, em especial dos historiadores gregos Heródoto e Xenofonte, sempre foram favoráveis a Ciro, descrevendo-o como um modelo de virtude política e moral, em comparação com outros governantes do seu tempo (Razmjou, 2020: 161).

O próprio profeta Isaías, no capítulo 45 do seu livro, menciona Ciro como o “Ungido de Deus”, sendo atribuído a ele um título normalmente reservado aos reis de Judá. Isso demons-

Fig. 1 – Cilindro de argila com texto em cuneiforme, emitido pelo rei Ciro II da Pérsia (©The Trustees of the British Museum).





Fig. 2 – Um dos fragmentos da placa cuneiforme com o mesmo texto do cilindro (©The Trustees of the British Museum).

tra como Ciro se tornou numa figura excepcional, apesar de ser estrangeiro, por ter sido diretamente responsável pelo fim do exílio judeu em Babilónia (*Idem*: 162).

O cilindro é hoje um dos mais famosos documentos escritos da dinastia persa, sendo lembrado como um testemunho arqueológico da política de tolerância religiosa e cultural de Ciro, ao permitir que os povos levados cativos para a Babilónia voltassem para as suas terras de origem e reconstruíssem os seus templos.

E é precisamente pela sua conexão com o retorno dos Judeus exilados, deportados para a Babilónia por Nabucodonosor II, e com a reconstrução do Templo de Jerusalém, que este achado assume grande importância, ao ser considerado uma confirmação arqueológica desse evento histórico narrado na Bíblia.

Desde a sua descoberta, os investigadores reconheceram notáveis semelhanças entre o texto do cilindro e a narrativa do primeiro capítulo do livro de Esdras, com a única diferença de

que, em vez de ser o deus Marduque a convencer o coração de Ciro a autorizar o restauro dos templos de culto, é o próprio *Yarweh* que o inspira (Bickerman, 1946: 263; Razmjou, 2020: 162).

No entanto, é precisamente neste ponto que os eruditos começam a questionar a legitimidade desta descoberta arqueológica como uma prova convincente da permissão dada por Ciro para o retorno dos Judeus do exílio. Na verdade, se lermos as transcrições do texto publicadas pelos paleolinguistas (Schaudig, 2019), verificamos que, de facto, não há qualquer menção explícita aos Judeus no cilindro, nem nunca é referido o Templo de Jerusalém.

De acordo com alguns estudiosos, a conexão entre o Cilindro de Ciro e a narrativa bíblica não é tão direta como parece e a reconstrução dos templos mencionada neste documento aplica-se apenas à cidade de Babilónia, não se estendendo a todos os grupos religiosos do Império Persa (Kuhrt, 1983: 87). E embora retrate de perto a história descrita na Bíblia, os estudiosos discordam em que o cilindro seja uma evidência do decreto persa referido na narrativa de Esdras, pois não se refere aos mesmos eventos e é simplesmente uma versão local do édito universal do rei persa que conduziu a ambos os episódios históricos (Razmjou, 2020: 162).

Tem sido defendido que, embora seja um objeto bonito e bem acabado, a inscrição nem sequer foi projetada para a leitura pública, pois não se tratava de um édito real, mas de um texto fundacional para comemorar simbolicamente a restauração do templo de Marduque (Kuhrt, 1983: 88).





Fig. 3 – Túmulo do rei Ciro II em Pasárgada (Irão) (©Photo-companion-BibliPlaces.com).

Mas o que era um texto fundacional no tempo de Babilónia? Da mesma forma que, atualmente, na cerimónia de inauguração de um novo edifício, é descerrada uma placa por um governante do Estado Português, o cilindro era simbolicamente enterrado pelo rei nos alicerces de um edifício religioso ou palaciano (Taylor, 2013: 64). E, por isso, ele conservou-se nas fundações da *Esagila*, o grande templo de Babilónia dedicado a Marduque, até ser descoberto pelos arqueólogos, no século XIX.

Segundo os antigos mesopotâmicos, os cilindros eram objetos de escrita que transmitiam mensagens destinadas unicamente aos deuses (Finkel, 2013: 11), e este exemplar exhibe notáveis semelhanças com outras inscrições fundacionais encontradas na re-

gião. Esta prática era caracterizada por declarações eloquentes e inspiradoras, mencionando conquistas militares ligeiramente exageradas ou idealizadas, servindo como uma forma de propaganda política ou religiosa.

No entanto, recentes descobertas epigráficas vieram refutar esta hipótese que considera o Cilindro de Ciro como uma inscrição fundacional única, sem qualquer cópia. Em 2010, o Museu Britânico anunciou que tinha identificado, guardados em reserva desde 1881, dois fragmentos de texto cuneiforme inéditos, que repetem o teor deste mesmo cilindro, confirmando que este não era um caso isolado.

Os fragmentos vieram do sítio de Dilbat ou Borsippa, perto de Babilônia, e não pertencem a uma peça cilíndrica, mas a uma grande tabuleta de argila. Os trechos escritos não só incluem linhas do texto do Cilindro de Ciro, como adicionam outras informações importantes.

Segundo Irving Finkel, especialista em assiriologia do referido museu, que estudou os fragmentos identificados, esta placa foi redigida por escribas da corte que podem ter produzido várias cópias (Finkel, 2013: 30 e 31).

Estes novos achados permitiram a leitura de partes que faltavam no cilindro e melhoraram a nossa compreensão sobre o documento, mostrando que a “declaração” de Ciro é muito mais do que a inscrição fundacional de um templo babilônico. Eles provaram que a inscrição real terá sido copiada em documentos públicos para ampla distribuição por todo o Império Persa, tendo Esdras tomado conhecimento dela e tendo-a perpetuado nos seus próprios escritos (Razmjou, 2020: 163).

Além disso, esta estratégia do regime persa de oferecer benefícios a determinadas cidades dentro do seu domínio, localizadas em regiões estrategicamente importantes, isentando-as de certos impostos e garantindo-lhes a liberdade de culto, é bastante conhecida na Antiguidade do Próximo Oriente, servindo para assegurar a sua lealdade. Jerusalém estava nesta situação, dada a sua proximidade ao Egito e às difíceis tribos árabes, que representavam uma ameaça ao domínio persa na região meridional do seu Império.

O Cilindro de Ciro acaba por ser uma evidência bastante direta da situação descrita nos livros bíblicos de Esdras e Isaías.

Por este motivo, o Cilindro de Ciro acaba por ser uma evidência bastante direta da situação descrita nos livros bíblicos de Esdras e Isaías – um manifesto propagandístico do Império Persa, mostrando-se misericordioso em relação aos povos conquistados e tolerante em relação aos seus próprios cultos indígenas, uma mensagem atemporal de respeito étnico e religioso do monarca persa Ciro II, que continua, hoje, a ressoar poderosamente.

Bibliografia

BICKERMAN, Elias Joseph (1946) – “The Edict of Cyrus in Ezra I”. *Journal of Biblical Literature*. 65.

FINKEL, Irving (2013) – “The Cyrus Cylinder: The Babylonian Perspective”. In Irving Finkel (ed.) – *The Cyrus Cylinder: The King of Persia’s Proclamation from Ancient Babylon*. London: IB Tauris, pp. 4-34.

KUHRT, Amélie (1983) – “The Cyrus Cylinder and Achaemenid Imperial Policy”. *Journal for the Study of the Old Testament*. 25, pp. 83-97.

RAWLINSON, H. C. (1880) – “Notes on a Newly Discovered Clay Cylinder of Cyrus the Great”. *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*. 12:1, pp. 70-97.

RAZMJOU, Shahrokh (2020) – “The Textual Connections

between the Cyrus Cylinder and the Bible, with Particular Reference to Isaiah”. In John Curtis (ed.) – *Studies in Ancient Persia and the Achaemenid Period*, pp. 158-174.

SCHAUDIG, Hanspeter (2019) – “The Text of the Cyrus Cylinder”. In M. Rahim Shayeagan (ed.) – *Cyrus the Great: Life and Lore*. [Ilex Series; 21.] Harvard University Press, pp. 16-25.

STOLPER, Matthew W. (2013) – “The Form, Language, and Contents of the Cyrus Cylinder”. In Touraj Daryaei (ed.) – *Cyrus the Great: An Ancient Iranian King*. Afshar Publishing, pp. 40-52.

TAYLOR, J. (2013) – “The Cyrus Cylinder: Discovery”. In Irving Finkel (ed.) – *The Cyrus Cylinder: The King of Persia’s Proclamation from Ancient Babylon*, London: IB Tauris, pp. 35-68.



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

Respeitar os idosos

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

Não sei quanto a ti, mas eu gosto de viver em Portugal. Eu gosto da nossa Cultura, da forma como nós vivemos; gosto de estarmos num país desenvolvido. No entanto, é interessante constatar que nós, em Portugal, por vezes a boa educação, desvalorizamos o respeito que outros podem ter em relação a nós ou em relação a terceiros. Vou contar-te o que vi há alguns dias.

Eu estava a passar por um jardim e nele havia muitos bancos. E como é tradicional em Portugal, dado que estamos no verão, as pessoas de idade saem mais à rua e aproveitam esses bancos de jardim para se sentarem. Naquele dia, não foi exceção. Estavam dois senhores, já na casa dos oitenta, sentados a conversar. Entretanto,

sentou-se um jovem ao seu lado. Esse jovem sentiu necessidade de fumar. Mas, antes de começar a fumar, virou-se para estes dois senhores e perguntou-lhes se os incomodaria. Isto pode parecer insignificante. Mas o facto de ele ter perguntado e, assim, ter respeitado as pessoas que estavam sentadas foi significativo. Porque, por vezes, nós não tomamos em consideração os outros e podemos estar a fazer coisas que prejudicam quem está à nossa volta. Numa Sociedade em que os mais velhos já não são considerados importantes, é interessante o comportamento deste jovem. Talvez tivesse crescido com um avô, uma bisavó, um bisavô, e isso marcou-o profundamente. A atenção que ele tem para com os mais

velhos foi expressa de uma forma bastante simpática.

A importância dos mais velhos na Sociedade e a necessidade que nós temos de respeitá-los merecem uma profunda reflexão da nossa parte, não achas? Especialmente num mundo que deixou de dar atenção aos idosos. Em troca disso, valoriza-se mais a rapidez, a inovação, as novas Tecnologias, a juventude. Por vezes em detrimento da sabedoria e da experiência que os mais velhos têm. Eles não só contribuíram com o seu trabalho e a sua dedicação ao longo das décadas, mas também detêm conhecimentos e preservam tradições que são fundamentais para a identidade cultural e para a coesão social de qualquer Comunidade. Historicamente, os mais velhos são vistos como os guardiões do conhecimento. Eles são os narradores das histórias. Eles são os mestres dos costumes. Eles são os repositórios das histórias tradicionais. Em muitas culturas tradicionais, os idosos são consultados em

todas as decisões importantes, desde uma simples resolução de conflitos até à gestão de recursos comuns. Porque se acredita que, ao longo da sua vida, eles adquiriram a bagagem suficiente para serem úteis nesses momentos. Além de serem fontes de sabedoria, os mais velhos também desempenham um papel crucial na educação das gerações futuras. Eles ensinam valores éticos. Ensinam habilidades que, muitas vezes, não são valorizadas nas escolas modernas, mas que, sem dúvida, são essenciais para o desenvolvimento do carácter individual e, até mesmo, para a saúde da Sociedade. Esta transmissão de conhecimento é fundamental, porque vai ajudar a preservar a Cultura e a assegurar a manutenção da estabilidade social no contexto familiar. Os idosos agem como uma espécie de cola que mantém a família unida. Eles são os mediadores em disputas, exemplificam o respeito pelas relações familiares e comunitárias através das suas ações, dos seus conselhos. Res-



Além de serem fontes de sabedoria, os mais velhos também desempenham um papel crucial na educação das gerações futuras.

**Os idosos agem
como uma espécie
de cola que
mantém a família
unida.**



peitar os mais velhos é também uma expressão de valorização da própria família. Respeitar os mais velhos significa proporcionar-lhes uma vida digna. Isto envolve garantir o acesso a cuidados de saúde, a oportunidades de crescimento comunitário, a proteção contra abusos e negligência. Quando os idosos são tratados com respeito, toda a Sociedade beneficia. Eles mantêm-se ativos, contribuem economicamente, seja através do seu trabalho voluntário, seja mediante a continuação da carreira profissional, e ajudam a promover um ambiente inter-geracional saudável.

Infelizmente, muitas vezes, os idosos são vistos como um fardo, ao invés de serem vistos como uma bênção. É necessário combater esta percepção; é necessário valorizar os idosos. Educar para o respeito pelos mais velhos é algo necessário, para que possamos construir Sociedades justas; Sociedades que respeitam; Sociedades que cuidam. Respeitar os idosos é um

imperativo cultural; é um imperativo social; é um imperativo moral. É uma forma de reconhecermos a sua contribuição para o desenvolvimento da Sociedade onde estamos inseridos e de garantir que eles vão continuar a ser valiosos nessa Sociedade. Cultivar este respeito pelos idosos é cultivar um futuro no qual todos – porque todos chegamos à velhice – possamos olhar para trás e sentir orgulho da vida que vivemos e do legado que deixamos.

Já viste? Um simples olhar sobre a atitude de um jovem num jardim fez-me viajar pelo mundo dos mais velhos. Realmente é necessário que nos coloquemos no lugar deles e que saibamos apreciá-los, amá-los e respeitá-los neste fim de caminhada em que eles estão. É importante o apoio; é importante o carinho. Eu acho que esta viagem serve para que possamos refletir sobre como estamos a tratar os mais velhos.

Vou-te contando mais novidades das minhas viagens. Até à próxima!



Jorge Silva

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Jorge Silva, casado e pai de duas meninas, tem viajado pelo mundo, servindo Deus e a Sua obra, numa missão abraçada por toda a família.

ED: Obrigado, Jorge, por teres mostrado disponibilidade para conversarmos sobre o teu trajeto de vida e também sobre os teus planos futuros. Vamos começar pelo início. Nascestes na década de 70, ou melhor, em 1975. Passaste a infância numa freguesia do Interior, podemos até dizer do Interior profundo.

JS: Sim, eu nasci na freguesia de Mafamude, Concelho de Vila Nova de Gaia.

ED: Nos anos 70, Vila Nova de Gaia ainda era parte do Interior de Portugal, não era?

JS: Sim, o Concelho de Vila Nova de Gaia é um conjunto de várias freguesias que têm vindo a desenvolver-se. Eu passei grande parte da minha vida



na freguesia de Canelas, que poderia ser considerada uma freguesia do Interior. Mas ela tem vindo a crescer, quer na indústria, quer em população.

ED: E como foi a tua infância? Como te recordas da década de 80? Nascestes na Igreja, pois os teus pais eram Adventistas do Sétimo Dia. Assim, tiveste um contacto logo muito profundo com a vida de uma igreja muito ativa, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Canelas.

JS: Sim. Ao contrário dos meus pais, eu sou Adventista de berço. Dou graças a Deus por isso. Tive a oportunidade de crescer dentro de uma igreja bastante dinâmica, ativa, envolvida na missão e no serviço. Talvez isso tenha também provocado em mim o desejo de servir. Tive a oportunidade, nessa igreja, de estar envolvido em várias funções e responsabilidades, e isso foi muito importante para mim, para adquirir as competências que tenho hoje. Para além de toda uma carreira académica e profissional que desenvolvi, foi a Igreja que me ajudou a crescer e me permitiu desenvolver as minhas competências. Houve um conjunto de oportunidades na vida de Igreja que me permitiu crescer humana e espiritualmente.

ED: Tu és licenciado em Economia, desenvolveste a tua atividade profissional como economista durante alguns anos, até que, um dia, resolveste largar tudo, pegaste na tua esposa e nas tuas duas filhas e foste para um país longínquo. O que aconteceu e quando é que foi isso? Foste para a Mongólia, não foste?

JS: É verdade. Em determinada época da minha vida eu estava estável em termos financeiros e profissionais. Mas senti que tinha a necessidade de algo mais. Eu sempre senti o desejo de poder contribuir para a missão, para ajudar a proclamar Cristo àqueles que estão ao nosso redor. Pelo que, a determinada altura, senti esse desejo de poder estar mais envolvido. Assim, iniciei o Mestrado em Ação Humanitária, ainda sem ter qualquer chamado. Um dia, o chamado chegou, para eu ir em missão para um país bem longínquo, a Mongólia, onde tive a oportunidade de servir durante cinco anos, em funções diferentes.

ED: Estamos a falar de 2013. Tu submeteste alguma candidatura ou simplesmente conheciam-te e recebeste um telefonema?



JS: Na altura, disponibilizei-me para servir na ADRA. O meu processo foi analisado e foi-me feita uma proposta. Depois, houve uma sequência de contactos, de entrevistas e, por fim, houve esse convite. Inicialmente, fui servir a ADRA como Diretor Financeiro e Administrativo. No fim de cerca de dois anos, quando estava a ponderar continuar ou ir para outra missão, surgiu o convite por parte da Divisão e da Conferência Geral para que eu pudesse transitar para a Missão da Mongólia enquanto tesoureiro.

ED: E como foi o dia em que chegaste a casa e disseste à tua esposa: “Vamos para a Mongólia”?

JS: Na verdade, quando começámos a falar sobre a vontade de servir Deus de um modo integral, fiquei surpreendido porque a minha mulher disse-me claramente que há muito que tinha isso no seu coração e que também estava a aguardar o momento certo para falar comigo. Orámos muito, conversámos muito e estivemos sempre atentos às oportunidades que Deus pudesse suscitar para que nós O pudessemos servir de uma forma mais integral.

ED: E esses cinco anos na Mongólia, como foram? Tinhas duas filhas pequenas em ensino doméstico, estavam numa Cultura absolutamente diferente. O que foi mais difícil naquele tempo?

JS: Na verdade, partimos para o desconhecido. Nós levámos daqui muita roupa quente, mas, quando chegámos lá, percebemos que era insuficiente. Chegámos em pleno inverno, muito frio. As nossas filhas tinham dois e cinco anos. Foi a primeira aventura missionária delas. Aliás, este não foi um projeto de vida ou uma missão apenas minha. Foi de toda a família. Porque cada um de nós tem um papel a desempenhar para Deus onde quer que estejamos. Eu estava numa função administrativa, mas a minha mulher e as minhas filhas contribuíram para a missão, nomeadamente participando nos Clubes de Desbravadores. Mas foi uma aventura. Grande parte do tempo, sobretudo no inverno, era passado em casa devido às temperaturas negativas e à poluição da capital, mas tivemos experiências únicas de contacto com uma Cultura muito rica, muito nobre, que aprendemos a estimar e a respeitar e na qual fizemos muitos amigos.

ED: Em que medida é que achas que as tuas filhas vão ser pessoas diferentes, em virtude dessa experiência que elas tiveram de ter praticamente nascido na Mongólia. Pelo menos, no caso da tua filha mais nova?

JS: Eu procuro sempre comunicar em casa, nas nossas conversas, que elas são missionárias. Em qualquer parte do mundo, a educação que tiveram

contribuiu e está a contribuir decisivamente para que elas possam ter uma mentalidade missionária. Elas compreendem a importância de também poderem contribuir. Neste momento, as minhas filhas também têm responsabilidades e cargos. Havia talvez o receio de que, dado que elas estão em ensino doméstico, quando um dia tivessem de ingressar numa escola estivessem muito aquém do conhecimento necessário. Mas não foi isso que aconteceu. Foi impressionante que, quando voltámos para Portugal e as inscrevemos na valência de ensino doméstico numa escola pública, elas tiveram de fazer exames no fim do ano e tiveram notas elevadas. Para nós isto foi também uma maneira de confiarmos em Deus, de estarmos tranquilos quanto ao facto de que nada do percurso que nós fizemos foi em vão. Que Deus, de alguma forma, também nos abençoou neste campo.

ED: Passaram cinco anos na Mongólia. Em 2018, regressas a Portugal. Como foi voltares ao teu país? Poderias ter ido para um outro país, mas regressaste a Portugal.



JS: É verdade. Na altura, recebi um convite para servir em Portugal. Numa missão diferente. Eu abracei logo o projeto. Foi também importante, acredito, para as minhas filhas.

ED: Vieste assumir a direção da ASA, Assistência Social Adventista, que é talvez a maior Associação Adventista em Portugal.

JS: Sim. A ASA é uma EPSS. Neste momento, tem 56 anos de existência. Tem no seu corpo mais de 150 trabalhadores, tem um volume de atividades já significativo, tem um conjunto de estabelecimentos por todo o país, incluindo na Ilha da Madeira. E tem de continuar a crescer. Foi um desafio novo, um desafio intenso, um desafio que envolveu





grandes responsabilidades, até porque a terceira idade merece toda a nossa consideração, toda a nossa estima e dedicação. Tem sido muito gratificante todo o trabalho que temos realizado.

ED: Portanto, ao longo destes sete anos tens estado à frente da Assistência Social Adventista, que coordena os Lares Adventistas para Pessoas Idosas (LAPI). Quais foram os principais desafios que tiveste de enfrentar ao longo destes últimos anos?

JS: Um dos maiores desafios foi enfrentar uma pandemia. Algo desconhecido para todos, mas que impôs aos lares medidas extremamente restritivas e de contenção. E recordo-me perfeitamente de alguns momentos de ansiedade, até mesmo de angústia, que nós vivemos, no sentido de garantir que toda a gente teria a segurança e o bem-estar necessários. Estou extremamente feliz, porque cumprimos fielmente todas as normativas e orientações que nos chegavam. Graças a Deus, conseguimos garantir que vidas fossem poupadas. Na verdade, esse foi um dos desafios. Outros desafios, nesta área social, é sempre a questão financeira e económica. Nós temos sempre limitações que, por vezes,

não nos permitem realizações maiores. Também estamos, claramente, num contexto em que existem desafios ao nível de recrutamento de recursos humanos. Não só por questões financeiras, mas também porque, atualmente, nós notamos que existem cada vez menos pessoas com vocação para trabalhar na área da terceira idade. Mas também houve muitas bênçãos, muitos projetos concretizados, aumentos de capacidade nas nossas instituições. Investimentos que foram realizados, que são estratégicos para o futuro e que vão dar outra estabilidade à instituição.

ED: Chegamos a 2024 e Deus troca-te novamente as voltas. Porque vais voltar a sair do nosso país, com a tua família, para um outro país muito longínquo: a Somália.

JS: É verdade. Isto não estava propriamente na nossa agenda, nos nossos planos. Sobretudo nesta fase da vida em que nós fomos tentados a criar algo mais estável, algo mais tranquilo, mas, por vezes, Deus também nos chama a sair da nossa zona de conforto. E quando nós estamos bem e as coisas estão orientadas, Deus lança-nos desafios, porque ainda há algo mais a realizar.



Vamos para um país diferente, um país novamente desconhecido, um país com uma cultura religiosa diferente. É um país com instabilidade política e social, onde vamos certamente poder contribuir. É isso que nos move. Podermos revelar Cristo através das nossas ações e sermos bons administradores dos recursos que Ele coloca à nossa disposição para, dessa forma, levar bem-estar a outros e revelar Jesus Cristo.

ED: Última pergunta, Jorge. Estás com quarenta e nove anos. Para aqueles jovens que estão agora a iniciar a sua vida profissional ou académica, que conselho darias? O que dirias a estes jovens que também procuram algo diferente e que estão cansados da estabilidade que podem ter?

JS: O conselho que eu posso dar é que, se eles puderem tirar um ano para a missão, o façam. Deus não deixará de os abençoar e de lhes abrir as portas que forem necessárias. Todas as pessoas têm a oportunidade de fazer um ano de missão ou, mesmo, experiências mais curtas de missão. Isso marca-se para toda a vida. Tornam-se pessoas

diferentes. Veem o mundo de forma diferente. Veem as pessoas de forma diferente. Há algo que as muda. Portanto, se tiverem essa oportunidade e se sentirem no coração esse chamado, lancem-se na aventura com Deus. Deus realmente pode ter algo mais para eles realizarem, para além de terem uma vida profissional bem realizada e financeiramente estável. Eu, neste momento, não tenho estabilidade quanto a casa. Compro uma casa, vendo uma casa e ando constantemente com as malas às costas. Mas há outras bênçãos que Deus nos concede. A alegria de ver as pessoas felizes, de poder ver pessoas aceitarem Jesus Cristo. Não há nada que pague isso. Assim, vamos continuar. Iremos onde o Senhor nos levar!

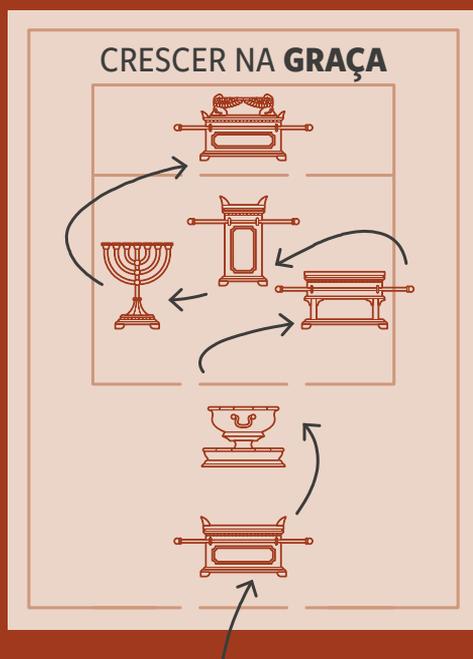
ED: Jorge, muito obrigado pelo testemunho de vida que partilhaste connosco. Que Deus te continue a abençoar!



ENTREVISTA COMPLETA:

[www.revistaadventista.pt/
jornadas-de-fe](http://www.revistaadventista.pt/jornadas-de-fe)

Convite a uma refeição substancial (Parte II)



No artigo de julho entrámos no lugar santo para participar do abundante banquete espiritual. Somos convidados a beber repetidamente do manancial de salvação através do Pão da Vida, que é Cristo, o qual é apresentado na Palavra de Deus e simbolizado na mesa e nos pães da proposição. Este alimento repleto dos nutrientes espirituais essenciais deve ser acompanhado do azeite vigoroso que nos guiará na compreensão de toda a verdade. Foi este poder, o Espírito Santo, que ungiu o Redentor e que O capacitou a dar fruto em abundância a uma Humanidade faminta. Capacitou-O a ser a Luz de um mundo mergulhado em densas trevas espirituais. E assim será connosco, se permanecermos ligados ao Pé Central do Castiçal, que representa Cristo. A promessa está sustentada nas palavras do Salvador: *“Nisto é*

glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (João 15:8). Sim, esta é uma promessa absoluta; ligados a Cristo, teremos o privilégio de receber o mesmo poder para glorificarmos o nosso Deus e sermos luzes neste mundo.

Vamos falar agora do alimento servido no altar do incenso, a última secção desta sala de banquete. Era o móvel que se encontrava mais perto do lugar santíssimo. Este incenso é declarado ser “as orações dos santos”: *“E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”* (Apocalipse 5:8). Aqui convém referir um detalhe: o incenso não simboliza a oração, mas sim a “oração dos santos”. Este pormenor é muito importante, porque um “santo” é aquele que

é chamado para o encontro com Deus, e, de acordo com o modelo do santuário dado pelo Senhor, o primeiro passo desse “santo” é reconhecer toda a sua indignidade e aceitar a morte de Cristo no seu lugar. Aplicando à nossa vida de hoje, este passo, na oração, é o que Jesus nos ensina: orar em “Meu nome”. São vários os textos em que o apóstolo João refere esta insistência de Cristo, já na semana da crucificação: *“Tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”* (João 14:13 e 14). Encontramos outros textos similares em João 15:16; 16:23 e 24, apenas para referir os mais explícitos. Existe uma razão fundamental para esta preocupação de Jesus: *“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (Atos 4:12). Devemos orar a Deus em nome de Jesus, porque é o único meio aprovado por Deus para nos dirigirmos a Ele. Jesus disse: *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”* (João 14:6).

O Espírito Santo, através da Mensageira do Senhor, aponta o simbolismo do incenso numa sublime e abrangente declaração: *“O incenso que subia com as orações de Israel representa os méritos e a intercessão de Cristo, a Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores.”*¹ Leia e releia esta declaração. São vários os pontos que gostaria de realçar. O incenso:

- Representa os méritos e a intercessão de Cristo.

- Representa a Sua perfeita justiça.
- Representa que essa justiça de Cristo, pela fé, é atribuída ao Seu povo.
- *Finalmente, representa o facto de que unicamente [a perfeita justiça de Cristo] pode tornar aceitável a Deus o culto [as orações] de seres pecadores.*

Assim sendo, toda a oração, mesmo antes de se começar a fazer qualquer pedido ou agradecimento, deveria preencher este requisito: o de começar a orar em “nome de Jesus”. O que significa isto e quais os efeitos na nossa vida prática de comunhão com Deus? De uma forma sucinta, significa que, ao pretender ir à presença do Todo-Poderoso, devo ter em conta dois aspetos fundamentais:

1. Primeiro, devo apresentar-me com grande humildade, reconhecendo a minha total indignidade para estar na presença de um Ser tão sublime em santidade. Isto implica também que, mesmo sendo um grande anseio nosso sermos mais semelhantes a Cristo, devemos reconhecer a nossa inaptidão para fazer o que é correto (comparar a

A Bíblia claramente diz que só há um Mediador entre Deus e os homens, e esse Mediador é Jesus Cristo (I Timóteo 2:5).



experiência de Paulo em Romanos 7:14-25).

2. O segundo ponto fundamental é estarmos plenamente conscientes e gratos porque este Altíssimo Deus providenciou um meio tão simples para uma aproximação d'Ele sem qualquer receio.

Os efeitos desta postura são a paz que advém do perdão que só Deus pode conceder, assim como uma profunda confiança para me aproximar de Deus, a fim de expor os meus pedidos. Esta confiança vai descansar na resposta de Deus, seja ela qual for, porque sei que Jesus me ama e que fará o que for melhor para mim, ainda que não o entenda no momento. Por sermos pecadores, não podemos entrar na presença de Deus com base nos nossos talentos ou virtudes. Por isso, necessitamos de um Mediador para interceder por nós. A Bíblia claramente diz que só há um Mediador entre Deus e os homens, e esse Mediador é Jesus Cristo (I Timóteo 2:5). Orar em nome de Jesus significa que nos aproximamos de Deus apenas porque, conscientemente, admitimos que Jesus viveu uma vida sem pecado e sofreu a morte que nós

merecíamos, possuindo assim inegáveis méritos, que apresenta em nosso favor.

Quando reconhecemos perante Deus a nossa miserável e vulnerável condição e permanecemos em respeitosa reverência na Sua presença, vamos sentir o desejo de abrir o coração a Deus e de refletir sobre a razão de sermos indignos, começando por admitir que, apesar de querermos muito corrigir os nossos defeitos de caráter, somos muito fracos e estamos constantemente a cair nos mesmos erros. Se tivermos esta abertura, o Espírito Santo vai começar, com muita ternura, a mostrar-nos os nossos erros mais visíveis, aqueles que não podemos negar por serem tão claros. Depois, à medida que formos tendo maior conhecimento do amor de Deus, e também mais capacidade para admitir a nossa fraqueza, o Espírito do Senhor vai mostrar-nos os fracassos mais insignificantes, aqueles dos quais nem estamos apercebidos. Contudo, não nos deixa no desespero, porque apresenta-nos sempre a solução, que é Cristo. Quando admitirmos a nossa pequenez, iremos descobrir que, apesar de sermos realmente pó, como diz o Salmista, somos grandemente amados pelo Senhor, e iremos então valorizar



“Aceitar o amor de Deus e a salvação em Jesus Cristo gerará em nós um amor firme por Ele e uma resolução de Lhe sermos fiéis.”

ainda mais o sacrifício do nosso Salvador e Redentor, até nos subjugarmos completamente a Ele. *“Aceitar o amor de Deus e a salvação em Jesus Cristo gerará em nós um amor firme por Ele e uma resolução de Lhe sermos fiéis.”*² Operar-se-á, assim, a tão desejada transformação.

Estaremos então em condições de manter uma relação de intimidade com o nosso Poderoso Deus, a qual nos dará uma paz difícil de descrever, e apresentaremos os nossos pedidos ao Pai com grande confiança e certos do Seu amor. O autor do livro de Hebreus diz que é por meio de Jesus, o Filho de Deus e nosso Sumo-Sacerdote, que podemos chegar confiantes ao trono da graça, *“a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”* (Hebreus 4:14-16). Portanto, é mediante a obra de Cristo que podemos aproximar-nos de Deus em oração e suplicar com a certeza de que Ele nos ouvirá.

Se assim procedermos, estamos a orar em nome de Jesus, não confiados nas nossas próprias justiças. A solene oração de Daniel (capítulo 9) respeita

este princípio de forma sublime: *“Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos e ouve; abre os teus olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face confiados nas nossas justiças, mas nas tuas muitas misericórdias”* (Daniel 9:18). Neemias também estava plenamente consciente da sua condição ao dirigir a sua súplica a Deus: *“Estejam, pois, atentos os teus ouvidos e os teus olhos abertos, para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço perante ti, dia e noite, pelos filhos de Israel, teus servos; e faça confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que temos cometido contra ti; também eu e a casa de meu pai temos pecado”* (Neemias 1:6).

Habitualmente, é no final da oração que dizemos: “Te pedimos tudo, em nome de Jesus.” Orar em nome do nosso Salvador é muito mais do que pronunciar essas palavras no fim de uma oração. Orar em nome de Jesus é, acima de tudo, estarmos plenamente conscientes de que nós, por nós mesmos, não temos qualquer mérito para estar na presença do Altíssimo. Esta

compreensão consciente da nossa condição e a aceitação da perfeita justiça de Cristo em vez da nossa é orar em nome de Jesus. Na minha experiência pessoal, estes são os momentos mais deliciosos da oração. São momentos de grande alegria e regozijo, porque o Senhor me “vestiu com vestes de salvação” (ver Isaías 61:10). É abrir completamente a alma ao Criador. É ter a noção de que posso estar na presença do Deus Santo, porque estou vestido com “Roupas Sagradas”. Estou então em condições de começar a agradecer ao Senhor pelos Seus atributos, como a misericórdia, a piedade, a fidelidade, a perseverante paciência, a bondade e o espírito perdoador. Cada madrugada, na minha oração, passo muito tempo a louvar e a aplicar estes atributos àquilo que foi a minha vida nas últimas 24 horas. Analiso detalhadamente como é que cada um destes atributos me dá a possibilidade e o privilégio de permanecer na Sua presença. Que grandioso Deus é este! Depois, é o tempo de apresentar os pedidos com muita confiança, como já referido.

É verdade que havia ainda o véu que impedia que os sacerdotes, que oficiavam diariamente no templo, pudessem entrar diretamente na presença de Deus. Mas havia uma excelente notícia. Esse véu não chegava mesmo até ao teto e, por isso, o fumo do incenso poderia entrar no santo dos santos. Mas, com a morte de Cristo, esse véu desapareceu. É Mateus (27:51) que nos dá essa boa-nova: “E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras.” Agora

o altar do incenso está completamente integrado no mesmo espaço. Não há divisão entre o lugar santo e o lugar santíssimo. O apóstolo João, na visão da abertura do sétimo selo, constata que o altar do incenso se encontra diante do trono, representado pela Arca da Aliança que contém as Tábuas dos Dez Mandamentos: “E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono” (Apocalipse 8:3). Qualquer miserável pecador pode, com ousadia, entrar no lugar santíssimo pelo sangue de Jesus (Hebreus 10:19). Com a morte de Cristo, deixou de haver qualquer barreira para se entrar no santo dos santos. Terminou o sacerdócio terreno e, conforme a Aliança que tinha sido feita com o povo de Israel (ver artigos de fevereiro e março), agora fazemos todos parte de um reino sacerdotal. Cada ser humano que reconhece a sua condição de pecador e humildemente, mas com profundo gozo, aceita a morte substituinte de Cristo, tem o direito de entrar na sala do trono de Deus. Não resisto a reescrever a declaração da Serva do Senhor, que deixei expressa no

Qualquer miserável pecador pode, com ousadia, entrar no lugar santíssimo pelo sangue de Jesus (Hebreus 10:19).

artigo do mês passado: *“Que exaltado privilégio, seres finitos, de pó e cinza, admitidos, pela mediação de Cristo, na sala de audiência do Altíssimo.”*³

Os dois altares, o altar dos holocaustos e o altar do incenso, estão intimamente unidos. Há uma perfeita sintonia entre ambos: *“Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação contínua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus, símbolos estes que apontam para o grande mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente.”*⁴

Aquando da apresentação do modelo divino do santuário e a propósito deste altar do incenso, Deus fez uma solene advertência: *“Não oferecereis sobre ele incenso estranho perante o Senhor”* (Êxodo 30:9). Se o incenso simboliza as orações dos santos, como atrás referido, então poderíamos, numa tradução livre, traduzir este texto da seguinte forma: *“Não oferecereis sobre ele ‘orações estranhas’ perante o Senhor.”* Orações estranhas? “Não, esta advertência não pode ser para nós”, podemos pensar com alguma sobrançeria. As orações estranhas são

aquelas rezas em que se está sempre a dizer a mesma coisa, mas nós não o fazemos. Será que não? Permita-me, estimado Leitor, colocar uma questão, sobre a qual peço que reflita com honestidade perante o Senhor. Já alguma vez aconteceu estar a orar e o seu pensamento, ainda que seja por alguns segundos, estar completamente alheio a esse solene encontro com Deus? Às vezes até distraídos com assuntos seculares, para não dizer inconciliáveis com o momento que estamos a viver? Não será esse o “incenso estranho” que Deus não quer que seja trazido à Sua santa presença? Prezado amigo, não desanime! Deus conhece bem o poderoso inimigo que temos.

Oro para que o meigo Jesus, mediante a ação do Espírito Santo, nos ajude a compreendermos a importância deste assunto, porque da sua compreensão vai depender uma melhoria significativa na nossa intimidade com o Criador e Salvador. É garantido que a nossa vida espiritual será grandemente potenciada e iremos desfrutar, como nunca, dos nossos momentos a sós com Deus. Essa experiência vivida diariamente também intensificará positivamente a nossa relação com o próximo.

Que o Senhor nos abençoe copiosamente. Amém!

**“Que exaltado
privilégio, seres finitos,
de pó e cinza, admitidos,
pela mediação de Cristo,
na sala de audiência do
Altíssimo.”**

¹ Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário*, p. 33.

² *Manual de Estudo da Escola Sabatina*, 2º trimestre de 2024, Auxiliar do Dinamizador, Lição 12, Vista Geral.

³ Ellen G. White, *Orientação da Criança*, p. 307 (versão online).

⁴ Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário*, p. 33.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Audrey Andersson | Vice-Presidente da Conferência Geral

Aqui ergo a minha Ebenézer

Hoje, “Ebenézer” não é um nome comum. Quase se pode dizer que é um nome sazonal, que reaparece em cada dezembro. Uma experiência pouco científica realizada com alguns amigos e colegas parece confirmar isto. Todos eles associaram o nome a Ebenézer Scrooge, o principal personagem da obra *A Christmas Carol*, de Charles Dickens. Embora nada tenha a ver com a verdadeira história do Natal sobre um Salvador que nasceu para resgatar o mundo, o propósito de *A Christmas Carol* é lembrar às pessoas o dever de amarem o seu próximo.

Na Bíblia, encontramos uma Ebenézer diferente. O profeta Samuel erigiu uma pedra memorial e chamou-lhe “Ebenézer” (1 Samuel 7:12). O significado literal de “Ebenézer” é “Pedra do Auxílio”. Nesta ocasião, ela devia relembra-los aos Israelitas que o Senhor os tinha auxiliado até àquele momento. Depois de uma série de derrotas, que levaram à perda da Arca da Aliança, Israel arrependeu-se e o Senhor concedeu-lhe a vitória. Depois dessa vitória, Samuel erigiu a Ebenézer. Ela deveria marcar um local onde os Israelitas pudessem trazer os seus filhos e lhes contarem as histórias sobre a bondade, a misericórdia e a salvação de Deus.

Por onde quer que se vá no mundo, encontramos memoriais de diferentes formas e tamanhos: estátuas, arcos, pirâmides e outros edifícios. Todos eles contam uma história, para que os acontecimentos que ocorreram há muito tempo não sejam esquecidos.

Recordando a liderança de Deus

Ellen G. White compreendeu a importância da recordação, de se contar as histórias sobre a liderança de Deus. Em várias ocasiões, ela escreveu sobre esta necessidade de se recordar. Na sua obra biográfica *Life Sketches*, lemos: “Ao rever a nossa história passada, tendo viajado cada passo do caminho até à nossa atual posição, posso dizer: Louvado seja Deus! Quando vejo o que o Senhor operou, fico cheia de espanto e de confiança em Cristo como nosso Líder. Nada temos a temer no futuro, a não ser que esqueçamos o modo como o Senhor nos tem liderado e o Seu ensino revelado na nossa história passada.”¹

Parafrazeando, quando nos lembramos da passada liderança de Deus, podemos avançar com confiança. Numa época em que o mundo parece estar descontrolado, com guerras, terremotos e desastres a ocorre-



rem tão rapidamente que os acontecimentos expressos pelos paragonas dos jornais são imediatamente substituídos pelo inimaginável acontecimento seguinte, como podemos recordar-nos? Como podemos ter o tipo de confiança de que Ellen G. White está a falar?

Uma forma de ter essa confiança é irgirmos “Ebenézeres” coletivas e pessoais. Os Ministérios da Herança Adventista são uma agência dedicada a ajudar-nos a recordar. Originalmente designada “Propriedades da Herança Adventista”, foi fundada em 1981 com o mote “O Passado com um Futuro”. O seu nome foi modificado para Ministérios da Herança Adventista em 1994, e, hoje, detém e cuida de quatro locais patrimoniais com significado particular para a história da nossa Igreja.

Tal como o seu nome sugere, a Quinta de Miller foi originalmente o lar de William Miller, que, desde finais da década de 1830 até 1844, pregou sobre a iminente vinda de Jesus. Perto da casa existe uma capela construída pelo próprio Miller e uma rocha, conhecida como a Rocha da Ascensão. Duvida-se de que alguns crentes se tenham realmente posicionado nessa rocha enquanto esperavam por Jesus, mas ela é um lembrete simbólico da esperança daqueles que esperaram, ansiando ver Jesus, em 22 de outubro de 1844.

A Quinta de Hiram Edson é um terreno e um celeiro que estão ligados com a experiência de Hiram Edson vivida logo após o

Grande Desapontamento. As intuições de Edson, sobre o santuário celeste dividido em dois compartimentos e sobre a passagem de Jesus do lugar santo para o lugar santíssimo, levaram à compreensão correta sobre o que tinha acontecido em 1844. Jesus não regressaria nessa data; em vez disso, Ele começava então o Juízo Investigativo. No entanto, Jesus estava prestes a voltar.

A Vila Histórica Adventista está localizada em Battle Creek, no Michigan. Muita da inicial história Adventista está centrada em Battle Creek. Muitos dos lares e dos edifícios mais representativos da nossa história fazem parte da Vila Histórica Adventista. Perto ficam também situados outros locais de interesse, como o Cemitério de Oak Hill, com as sepulturas da família White.

O lar da família Bates em Fairhaven, Massachusetts, é onde Joseph Bates cresceu. A sua história interessa não apenas aos Adventistas do Sétimo Dia, mas também ao povo de Fairhaven, que vê em Bates uma importante figura histórica, para além do seu papel como fundador da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Testemunho poderoso

Cada local mencionado é diferente, mas cada um deles oferece um testemunho poderoso sobre a bondade de Deus e sobre a Sua fidelidade para com o Seu povo em épocas de devastador desapontamento, quando parecia que as trevas





3

o rodeavam e ele se sentia como que abandonado. Os locais históricos mencionados contam a história de homens e de mulheres imperfeitos. Eles tinham as suas falhas, tal como nós temos, mas foram usados por Deus para contar a outros sobre as boas-novas do Juízo e sobre o fim da dor e do sofrimento neste mundo, apontando para a necessidade de uma preparação para a Segunda Vinda de Jesus.

Estes não são edifícios mortos, que absorvem tempo, energia e recursos financeiros. Eles são centros vivos em que a história Adventista ganha vida, onde nos podemos lembrar da liderança de Deus e aprender lições com o passado. Eles são lugares onde os jovens podem vir para serem inspirados e onde pessoas que não conhecem a nossa história podem vir para aprender sobre um Deus que é fiel. Estes locais históricos erguem-se como faróis que anunciam a bondade de Deus.

Fig. 1

Quinta de William Miller

Fig. 2

Quinta de Hiram Edson

Fig. 3

Vila Histórica Adventista, em Battle Creek, Michigan

Fig. 4

Lar da família Bates em Fairhaven, Massachusetts

Estes são apenas alguns locais importantes; há muitos outros. É importante descobri-los, cuidar deles e deixar que eles contem a sua história.

Foi dito que “aqueles que não se recordam do passado estão condenados a repeti-lo”. Se não conhecermos a nossa história coletiva, corremos o perigo de repetir os erros do passado. O mesmo poderia ser dito da nossa história pessoal. Perto da minha cama, eu coloquei dois textos emoldurados que são muito significativos para mim. Quando olho para eles, recordo as circunstâncias que os tornaram significativos. Isso conforta-me sempre, encoraja e renova em mim a confiança no Senhor. Ele não falha!

Coloquemos os olhos em Ebenézeres individuais e coletivos e recordemos o modo como Deus nos conduziu no passado, para que possamos enfrentar a vida com esperança e confiança.



4

1

Ellen G. White, *Life Sketches*, Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1915, p. 196.



Na política internacional define-se como “país neutro” um país que se mantém fora de qualquer aliança militar num determinado conflito bélico, assim como em possíveis conflitos futuros. Alguns países têm esse estatuto, mas, quando examinados à lupa, descobre-se que, ao longo da História, não fizeram sempre jus à sua condição. O nosso país, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, fez concessões às várias partes envolvidas para proteger os seus interesses.

Na vida espiritual, da mesma forma, não existe verdadeira neutralidade. Nas palavras de Paulo, andamos no espírito ou na carne (Gálatas 5:16 e 17). Como no caso dos crentes gálatas, podemos ficar iludidos com a ideia de que, por praticarmos algumas ações exteriores (no caso deles era a circuncisão), por si só, somos espirituais. O teste ácido da questão é, por conseguinte, o nosso caráter, o conjunto dos nossos hábitos, as ações que repetimos. O apóstolo passa

então a referir o que são as obras da carne (Gálatas 5:19-21), aquelas que são inevitavelmente praticadas por quem está na carne. Por contraste, menciona também qual seja o resultado visível na vida de quem anda no espírito: o fruto do espírito (Gálatas 5:22 e 23). Não há aqui qualquer semelhança, qualquer convergência, pois as obras da carne são opostas ao fruto do espírito.

Torna-se, entretanto, interessante comparar as duas listas. Há algo de comum entre elas. Tanto na primeira como na segunda listas, a maioria das características tem a sua expressão no contexto dos relacionamentos. Das 15 obras da carne mencionadas, oito referem-se a problemas nos relacionamentos humanos: inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções e invejas. Todas as características do fruto do Espírito são vitais para a saúde dos relacionamentos: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade,



O mito da neutralidade

bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Poder-se-ia, a partir daqui, retirar uma ilação. A forma como nos relacionamos uns com os outros, com os da nossa família em primeiro lugar, mas também com os da nossa igreja, com aqueles com que lidamos no trabalho ou na escola, constitui-se como um dos principais indicadores acerca da nossa condição espiritual, pois revela, em grande parte, se andamos na carne ou no espírito.

É neste domínio que cabem bem as palavras de Daniel 9:8: *“A nós pertence a confusão de rosto”* (ACF) ou *“a nós pertence o corar da vergonha”* (ARA). Professamos, via de regra, altos padrões morais e de conduta, mas temos relacionamentos sofríveis, irritadiços e belicosos com aqueles com quem privamos mais amiúde. Esquecemo-nos de que *“se alguém não tem o espírito de Cristo esse tal não é dele”* (Romanos 8:9). As famílias e, por conseguinte, as igrejas, sofrem por falta do fruto do espírito. A pergunta que se impõe, então, é esta: Como é que poderemos vir a ter o *“mesmo sentimento”* (Fil. 2:5), a mesma forma de ser, que houve em Cristo Jesus? Como evitar as nefastas obras da carne que destroem os relacionamentos? A resposta de Paulo é perentória: *“Digo, porém: andai no espírito e jamais satisfareis a concupiscência da carne [...] e os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências”* (Gálatas 5:16, 24).

O nosso problema na vida espiritual, como o das virgens loucas na parábola, é a nossa superficialidade. Precisamos de fazer passar aquilo que vemos

e ouvimos, os nossos divertimentos e as nossas práticas por algum filtro bíblico, como I Coríntios 13:4-7 ou Filipenses 4:8, para nos assegurarmos de que não estamos inadvertidamente a andar na carne. O mundo não pode ser o nosso critério (I João 2:15-17). E quando o Espírito Santo faz o Seu trabalho e nos convence daquilo que é carnal e pecaminoso (João 16:8, 13) só nos resta uma opção: tomar a decisão de excluir da nossa vida tudo o que não nos eleva na nossa relação com Cristo. Ellen G. White coloca as coisas nestes termos: *“Para podermos alcançar esse elevado ideal, o que leva a alma a tropeçar precisa de ser sacrificado. É através da vontade que o pecado retém o seu domínio sobre nós. A entrega da vontade é representada como arrancar o olho ou cortar a mão. Afigura-se-nos, muitas vezes, que sujeitar a vontade a Deus é o mesmo que consentir em atravessar a vida mutilado ou aleijado. É melhor, porém, diz Cristo, que o eu seja mutilado, ferido, aleijado, contanto que possam entrar na vida. Aquilo que consideram um desastre é a porta para um bem mais elevado”* (Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 58, ed. P. SerVir).

Podem parecer difícil romper com o prazer carnal. No entanto, não há outro caminho para começar a desfrutar mais plenamente da comunhão com Cristo, das relações familiares e da fraternidade cristã. Crucificada a carne, o coração renova-se em amor, e a vida torna-se finalmente abundante (João 10:10). Não há comunhão entre a luz e as trevas (II Coríntios 6:14). Estarei eu a tentar ser neutro no grande conflito entre o bem e o mal?



A Associação dos Universitários Adventistas (AUA) pretende dar resposta aos desafios e às inquietações que os Jovens Universitários Adventistas encontram na sua vida pessoal, académica, profissional e espiritual.

Igreja Conformada / Jovens Inconformados

Não é novidade que a maior taxa de abandono da Igreja se encontra na faixa etária dos jovens e não parece que essa tendência se venha a inverter; mas por que razão é que isso acontece?

A verdade é que, como Igreja, temos a propensão de olhar para esta trajetória como algo natural no percurso individual de cada jovem, que, à medida que vai crescendo, vai-se deixando seduzir por aquilo que o mundo lhe vai oferecendo. Mas será que é só isso? Será que não haverá mesmo nada a fazer de diferente para inverter esta tendência? Dizemos que os jovens escolheram o mundo em detrimento da Igreja, mas será que a Igreja os soube escolher primeiro?

A geração mais jovem – a minha geração – é hoje descrita como a geração mais bem-preparada de sempre. Somos jovens com mais conhecimento, com mais opinião e vivemos numa aldeia global. Quando olham para nós e nos reduzem à nossa idade e não veem as nossas capacidades e o nosso potencial (ou somos vistos apenas como o último

recurso), não nos sentimos integrados. O discurso de que “somos demasiado novos para isto e para aquilo” e de que, por isso, devemos adotar um papel mais passivo, que nos é muitas vezes imposto, não nos seduz muito a querer ficar na Igreja. É também por isso que os jovens acabam por encontrar fora quem os compreenda e os aceite como são, e, por conseguinte, abandonam a Igreja. E não é esse o propósito das nossas comunidades de fé. Pelo contrário, a Igreja deveria ser o local onde nos sentimos mais seguros na Terra.

É tempo de refutar a ideia de que “os jovens são o futuro da Igreja” e de que o nosso papel no presente é esperar que, um dia, já mais velhos, alguém nos valorize e nos integre na liderança da Igreja. Com isto não estou a querer dizer que os jovens são melhores do que as pessoas mais velhas ou que agora a Igreja deve ser gerida mediante a visão dos mais jovens. Apenas quero provar que nós também somos membros válidos para servir a obra de Cristo. Quanto mais diversificada for a liderança da igreja local, regional, na-

cional e mundial, mais rica e próspera será. E também deve ser contrariada a opinião de que a missão de integrar os membros mais novos é apenas da responsabilidade do Departamento de Jovens.

Os jovens não são menos capazes para servir Deus, porque é Ele Quem nos escolhe e capacita para o serviço. I Timóteo 4:12 diz: “Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê no exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza.” Deus é claro ao dizer que a nossa tenra idade é uma vantagem para a Sua obra e não podemos ser desprezados ou menosprezados por isso.

Termino com um apelo à Igreja e aos jovens.

À Igreja: Saibam olhar para todos os membros da congregação como potenciais servos de Deus no presente da missão. E oremos para que Deus nos dê a coragem e a ousadia de pensarmos de modo diferente. Não podemos querer ter resultados diferentes fazendo tudo sempre da mesma forma. São muitos os jovens que ainda não têm o conhecimento das suas capacidades e dos seus dons, e é o papel da Igreja ajudá-los a descobrirem essas aptidões e incentivá-los a usá-las no serviço para Deus. Saibamos incluir os jovens em todas as áreas de ministério da Sua obra.

Aos jovens: Não deixes que te inferiorizem ou te menosprezem, ou, pelo menos, não deixes que isso se sobreponha à tua fé, apesar do que te possam dizer ou fazer sentir. Não te esqueças de que Deus te ama incondicionalmente e de que vê em ti a capacidade para seres um grande discípulo no Seu ministério. A tua fé tem de ser superior a tudo na tua vida. Não deixes de dar a tua opinião ou de marcar a diferença. A nossa geração é incon-

formada e essa é a nossa principal riqueza, porque temos a audácia de olhar para aquilo que sempre foi e pensar de modo diferente. Não falo de crenças ou doutrinas; falo de meios, de estratégias, de objetivos. Sê a diferença que Deus quer que sejas na Sua Igreja, mas não abandones a fé.

Caminhemos todos unidos para o avanço e para a prosperidade da Igreja de Deus.

Queremos estar contigo!

Convidamos-te a seguires a AUA através das nossas redes sociais ou a colocares qualquer questão ou pedido que tenhas mediante o email universitarios@adventistas.org.pt.



ANDRÉ CARROLO FERNANDES

Equipa de apoio à coordenação da AUA





Conceição Lagoa
*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

A viúva de Sarepta

“Da panela, a farinha se não acabou, e, da botija, o azeite não faltou: conforme à palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias” (I Reis 17:16).

Olá, amiguinho! Hoje quero saudar-te à maneira da viúva de Sarepta, uma mulher cujas fé e generosidade foram recompensadas por Deus de uma forma maravilhosa.

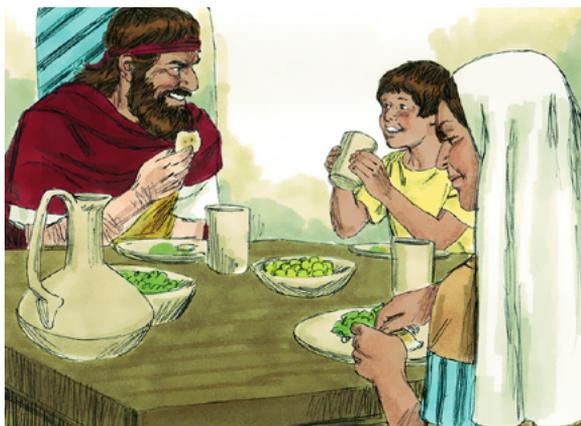
Esta viúva vivia em Sarepta, uma pequena cidade costeira da Fenícia, com o seu filho. Ela era muito pobre. No entanto, Deus conhecia o seu coração bondoso e decidiu abençoá-la de uma forma especial.

Durante um período de grande seca, Deus enviou o profeta Elias para procurar

refúgio e alimento na cidade de Sarepta. Quando Elias chegou, encontrou a viúva a apanhar lenha para acender uma fogueira e cozinhar a sua última refeição. Elias aproximou-se dela e pediu: “Por favor, traz-me um pouco de água e um pedaço de pão.” Este pedido foi um teste de fé.

A viúva, triste, respondeu: “Eu só tenho um punhado de farinha e um pouco de azeite. Estava a preparar a última refeição para mim e para o meu filho. Depois disso,





não teremos mais nada para comer e morreremos de fome.”

Será que esta viúva seria capaz de tirar o pão ao seu próprio filho para dá-lo a um estranho de outra terra?

Que situação difícil, amiguinho!

Mas Elias disse com bondade: “Não tenhas medo. Vai e faz o que disseste, mas primeiro faz um pequeno pão para mim. Deus prometeu que a farinha e o azeite não acabarão até que a chuva volte a cair.”

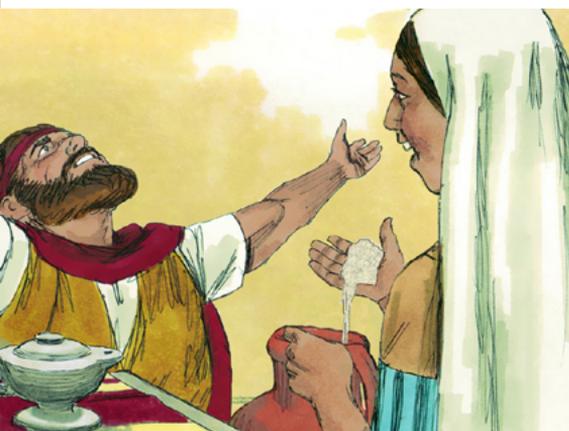
Amiguinho, este pedido foi acompanhado de uma promessa. Será que a mulher iria ter fé, isto é, confiaria em Deus?

Apesar da situação difícil, a viúva confiou nas palavras de Elias e na promessa de Deus. Ela foi para casa, preparou o pão e le-

vou-o a Elias. E, então, um milagre aconteceu, e nunca mais faltou a farinha e o azeite. Todos os dias, a viúva, o seu filho e Elias tinham o que comer. Ela passou no teste e foi ricamente recompensada. Ela comeu porque acreditou na promessa de Deus e, assim, encontrou vida e bênção por causa da sua fé.

Esta viúva não era Israelita, mas abriu as portas da sua casa, hospedou o profeta Elias e sustentou-o. Hoje, temos muitos estrangeiros entre nós, não é verdade? Quantos de nós seríamos capazes de deixar um estrangeiro morar na nossa casa?

O tempo passou e, um dia, o filho da viúva ficou muito doente e acabou por morrer. Desesperada, a viúva correu até Elias, e este disse: “Dá-me o teu filho.” Elias levou o meni-





no para o andar de cima, onde dormia, orou a Deus com fé e disse: “Senhor, meu Deus, por favor, deixa este menino voltar a viver!”

Elias estendeu-se sobre o menino três vezes. E, então, um milagre aconteceu! O menino começou a respirar novamente! Elias levou o menino de volta para a sua mãe e disse-lhe: “Vê, o teu filho está vivo!”

Que história incrível, amiguinho! Este é o primeiro registo bíblico de alguém que estava morto e voltou a viver. A mãe, cheia de gratidão, respondeu: “Agora sei que és um homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é a verdade.”

Amiguinho, a viúva teve uma fé incrível ao acreditar nas palavras de Elias e ao obedecer a Deus, mesmo numa situação tão difícil. Esta mulher do país de Baal demonstrou a sua fé no Deus de Israel. A sua fé trouxe-lhe sustento durante a seca e ela e o seu filho não morreram de fome. E o mais inacreditável nesta história é que, apesar de ter pouco, ela partilhou o que tinha com Elias, e Deus, na Sua bondade, multiplicou os seus recursos. Deus cuida daqueles que confiam n’Ele e Lhe obedecem.

A viúva também viu o poder de Deus quando Ele ressuscitou o seu filho. Que Deus maravilhoso nós temos!



Amiguinho, devemos confiar sempre em Deus, mesmo quando as coisas parecem difíceis, e não devemos esquecer que podemos sempre partilhar o que temos com os outros. Nunca desperdices a comida e agradece a Deus pelo alimento que Ele te dá cada dia.

O Deus que sustentou a viúva de Sarepta é o mesmo que cuida de nós. Que a generosidade desta mulher te inspire a partilhares o que tens, mesmo que seja pouco, e a confiar que Deus te abençoará.

Que cada dia possas ser uma bênção na vida dos teus amigos, vizinhos, familiares e até dos estrangeiros, assim como a viúva de Sarepta foi para Elias.

PENSAMENTO SOBRE A VIÚVA DE SAREPTA:

“Quando Elias chegou à viúva de Sarepta, ela dividiu o seu bocado com o profeta de Deus e Ele operou um milagre, fazendo com que, naquele ato de proporcionar um lar ao Seu servo e com ele partilhar o alimento, ela própria fosse sustentada e fosse conservada também a vida do seu filho. [...] O mesmo se dará no caso de muitos, se isso fizerem de boa mente, para glória de Deus.” – Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 2, pp. 27, 29.



Encontro de Universitários Lisboa

Tema:

2

CRIAÇÃO

Criação e criatividade

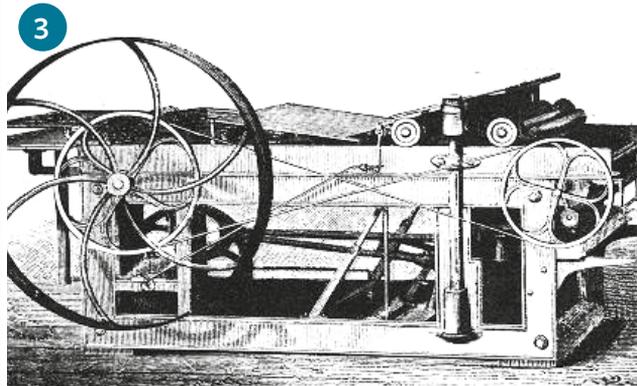
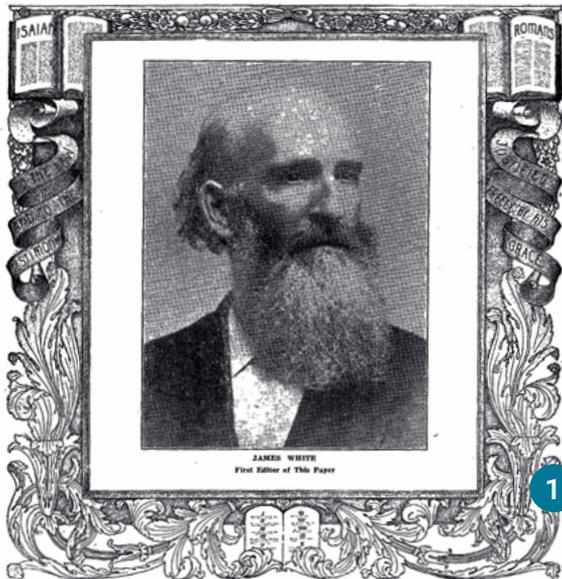
18 a 20 de outubro



GEOSCIENCE
RESEARCH INSTITUTE

Inscribe-te
aquil





Merlin D. Burt
Diretor do White Estate

Raios de luz

“A partir deste humilde começo foi-me mostrado que ele será como raios de luz que rodeiam o mundo.”

O ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia de partilha do Evangelho começou com a publicação da mensagem através da revista *Review and Herald*, designada hoje como *Adventist Review*. Durante 1848, os primeiros Adventistas Sabatistas começaram uma ênfase no evangelismo através de uma série de reuniões sobre o Sábado e o Santuário em Nova Inglaterra e Nova Iorque. Quando aquele ano começou, havia no máximo uma escassa centena de crentes dispersos e confusos. À medida que as reuniões prosseguiam, mais pessoas começaram a reagir favoravelmente e a reunir-se para estudar a mensagem. Enquanto aqueles primeiros crentes estudavam a Bí-

Fig. 1

Número Especial do Septuagésimo Aniversário da Revista "The Advent Review and Sabbath Herald".

Fig. 2

A casa Belden, onde James e Ellen G. White viviam quando iniciaram a publicação de "Present Truth". Foi nesta casa que se ajoelharam em oração à volta dos exemplares impressos antes de James White levar cada número para Middletown, para ser enviado pelo correio.

Fig. 3

Réplica da primeira impressora a vapor operada pela *Review and Herald Publishing Association*. Instalada na fábrica de Battle Creek. Era uma *Adams New Patent Power Printing Press*.

blia, interrogavam-se sobre como poderia o Sábado ser proclamado como parte da última mensagem a pregar antes do regresso de Jesus. Como seria promovido o selo de Deus descrito em Apocalipse? Como poderia ele progredir mais celeremente e ter um mais amplo impacto?

Foi em ligação com a última reunião de Sabatistas do ano, de 17 a 18 de novembro de 1848, realizada no lar de Otis Nichols, em Dorchester, Massachusetts, não longe de Boston, que Deus deu uma importante visão a Ellen G. White. Joseph Bates estava presente e escreveu boa parte do que ela disse quando em visão. Num certo momento, ela afirmou: "Publiquem as coisas que viram e ouviram e a bênção de Deus vos acompanhará."¹ Ellen G. White recordou mais tarde que, depois de sair da visão, virou-se para o seu marido e disse: "Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e enviá-lo ao povo. Que ele seja inicialmente pequeno; mas, à medida que as pessoas o lerem, ele será desde logo um sucesso." Ela fez depois o seguinte comentário: "A partir deste humilde começo foi-me mostrado que ele será como raios de luz que rodeiam o mundo."²

Respondendo ao chamado

Foi em julho de 1849, há 175 anos, que James White seguiu o conselho divino que recebera em Dorchester. Um jornal bimensal com o título de *The Present Truth* começou então a ser publicado e continuou a sê-lo até novembro de 1850. O foco do jornal era apresentar o ensino bíblico sobre a importância escatológica do Sábado e a sua relação com o ministério de Jesus no santuário celeste.

Nesse mesmo mês em que começou a ser publicado o *The Present Truth*, nasceu James Edson White, o segundo filho de James e Ellen G. White, em Rocky Hill, Connecticut (28 de julho de 1849). Tanto Henry, o seu primeiro filho, como Edson foram frequentemente cuidados por amigos fiéis e cuidadosos enquanto os White viajavam e desenvolviam o movimento nascente que daria origem à nossa Igreja.

Em novembro de 1850, foi publicado o primeiro número do jornal *Advent Review and Sabbath Herald*, designado popularmente como *Review and Herald*. Este jornal continuou a ser impresso sob várias formas até aos nossos dias. É um dos jornais religiosos mais antigos ainda publicados nos Estados Unidos da América e tornou-se verdadeiramente como "raios de luz que rodeiam o mundo".

Durante os primeiros 15 meses, o jornal foi publicado por imprensas locais, primeiro em Paris, Maine, e depois em Saratoga Springs, Nova Iorque.³ No número editado em 17 de fevereiro de 1852, James White escreveu: "Pensamos que chegou o tempo de os guardadores do Sábado possuí-

rem uma prensa. Presentemente, o nosso trabalho [de imprimir o jornal] está a ser realizado ao Sábado, o que é muito desagradável e inconveniente. Também nos custa muito mais do que custaria, caso tivéssemos uma casa impressora nossa.”⁴ Em 12 de março de 1852, foi realizada uma importante reunião no lar de Jesse Thompson, a três quilômetros de Ballston Spa, Nova Iorque. Nessa reunião foi decidido adquirir uma prensa e estabelecer a sede editora do Movimento Sabatista em Rochester, Nova Iorque. Quando se realizou esta mudança para Rochester, começou uma nova era.

Com empréstimos e com doações generosas de Hiram Edson e de outras pessoas, foi adquirida uma *Prensa Washington* manual e foi estabelecida a operação de uma casa impressora nascente em Rochester.⁵ O dia 6 de maio de 1852 foi um dia auspicioso. Pela primeira vez, a *Review and Herald* foi impressa numa prensa Adventista, manejada por obreiros Adventistas Sabatistas. A atividade de impressão prosseguiu em Rochester até 30 de outubro de 1855, quando a prensa e a sede da redação foram realocizadas, desta vez em Battle Creek, Michigan.

Ao longo de todo este tempo, James White continuava a publicar. De julho de 1849 até se ter mudado para Rochester, em 1852, o casal estava constantemente em viagem. James White relembra: “Em 1850 eu comecei a publicar a *Review and Herald* em Paris, Maine. [...] Aqueles foram anos de pobreza, privação, labuta e angústia de espírito. Trabalhámos ardentemente para levar alguns ao conhecimento

da verdade, dividimos o nosso escasso dinheiro com eles e, ao mesmo tempo, sofríamos por falta dos confortos da vida. Com uma saúde frágil, viajámos de localidade em localidade, e de Estado em Estado, pregando a Palavra e realizando reuniões; e, ao mesmo tempo, publicávamos a *Review* bimensalmente.”⁶

James e Ellen G. White estabeleceram a prensa no seu lar arrendado. Eles eram extremamente pobres. Para mobilarem o lar, compraram dois estrados de cama velhos por 25 centavos, seis cadeiras por um dólar e mais quatro cadeiras sem assento por 62 centavos. Eles não se podiam dar ao luxo de comprar batatas, pelo que comiam nabos. A manteiga era muito cara, pelo que usavam doce de fruta oferecido por um crente Adventista. Para além dos nabos e do doce de fruta, a alimentação era muito limitada e simples. Uriah Smith juntou-se à equipa da *Review and Herald* em março de 1853 e recebeu apenas acomodação e alimentação. Depois de Smith ter comido no lar dos White durante algumas semanas, “ele comentou com um colega que, embora não tivesse qualquer objeção quanto a comer feijão 365 vezes por ano, quando se tratava de fazer do feijão um regime alimentar regular, ele tinha que protestar!”⁷

Provas e aflições

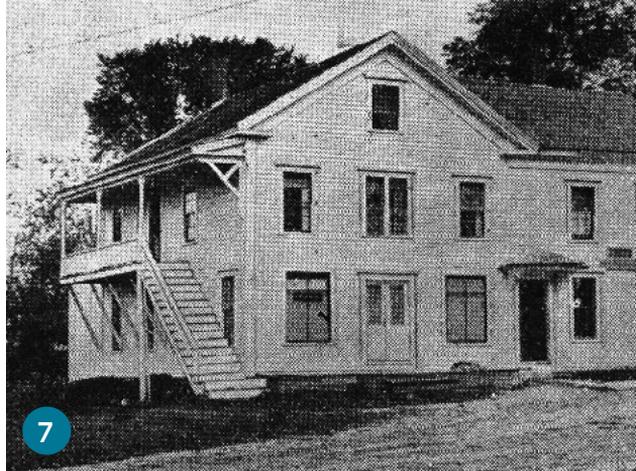
Por volta de agosto de 1852, uma epidemia de cólera atingiu Rochester e o pequeno Edson White, com três anos, foi infetado. Ellen tomou o seu filho nos braços, orou por ele e repreendeu a doença, o que resultou num alívio imediato. Quando outra mulher come-

Cemetery, em Rochester. Anne Smith, a talentosa escritora de hinos e de poemas, que era irmã de Uriah Smith, provavelmente contraiu a tuberculose de Nathaniel White ou de Anna White. Ela regressou para junto da sua mãe em West Wilton, New Hampshire, onde morreu a 28 de julho de 1855.

Adicionalmente, Ellen G. White passou a sofrer de um problema cardíaco, que provocou sintomas semelhantes aos da trombose. Às muitas dificuldades financeiras e físicas de que os White sofriam foram acrescentados os ataques ferozes de um grupo dissidente sediado em Jackson, Michigan, que era designado como o Grupo do Mensageiro. Os críticos em Michigan fragmentaram-se pouco depois de os White se terem mudado para Battle Creek em 1855, mas, enquanto eles estiveram em Rochester, os críticos foram um verdadeiro desafio à sua liderança.

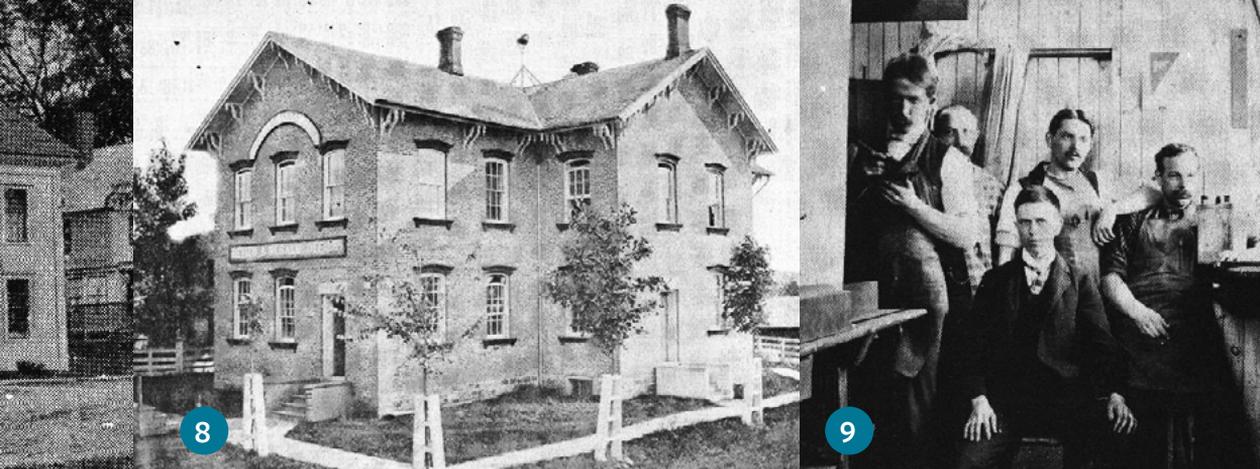
“Provações engrossavam ao nosso redor”, escreveu Ellen G. White. “Nós tínhamos muitas preocupações. Os trabalhadores da nossa Publicadora viviam connosco e a nossa família variava assim entre 15 e 20 membros. A grande reunião e as reuniões de Sábado eram realizadas na nossa casa. Não tínhamos Sábados sossegados, pois algumas das irmãs com os seus filhos costumavam demorar-se durante todo o dia na nossa casa.”⁹

Por volta de junho de 1853, a *Review and Herald* estava a ser publicada bimensalmente na baixa de Rochester, junto ao canal que atravessava a cidade. Depois de os White se terem mudado para Rochester, a *Review and*



Herald passou a ter uma influência crescente e a mensagem espalhou-se rapidamente. O costume de James White e da Comissão de Publicação era de imprimir uma elevada tiragem de cada número. Cerca de 2000 exemplares eram publicados e endereçados por correio a 1600 lares. Em agosto de 1852, o *Youth's Instructor* começou com uma tiragem de cerca de 1000 exemplares. Esta ampla distribuição teve um significativo efeito evangelístico. A tiragem de folhetos impressos variava entre 2000 e 4000.¹⁰ No entanto, isto aumentou as dificuldades dos obreiros Adventistas Sabatistas em Rochester, pois as receitas das subscrições não acompanhavam o avolumar das despesas. James White recorda: “O outono de 1855 encontrou-me com força reduzida, em consequência da labuta e da preocupação incessantes, editando, publicando, viajando e pregando. [...] Era necessária uma mudança. Pesadas dívidas pesavam sobre mim, em consequência da impressão de grandes edições das nossas publicações.”¹¹

Mas, através das dificuldades, Deus operou, pelo que hoje estamos como que aos ombros dos Pioneiros. Hoje temos muitos recursos. O que



8

9

poderá Deus fazer conosco, se tivermos o mesmo empenho e se fizermos o mesmo sacrifício!

Os primeiros fundadores e crentes na mensagem do Advento estavam dispostos a sofrer qualquer coisa em prol “da querida Causa de Deus”. Tudo era dado a Jesus para que a preciosa mensagem escatológica dos três anjos pudesse ser levada ao mundo. Teremos hoje o mesmo espírito de sacrifício e de empenho para que Deus possa operar com poder através de nós? *A Review and Herald* desempenhou um papel direto no estabeleci-

Fig. 7

Casa onde a “Review and Herald” foi impressa por um curto período em Paris, Maine, em 1850.

Fig. 8

Casa Publicadora original em Battle Creek, Michigan.

Fig. 9

Charles Smith, à esquerda, filho mais novo de Uriah Smith, trabalhava no departamento de gravura da tipografia de Battle Creek.

mento e no desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Que a *Adventist Review* e outras publicações Adventistas possam continuar a partilhar as preciosas verdades da Bíblia, a santa Palavra de Deus, e possam os “raios de luz” brilhar de modo cada vez mais intenso ao redor do mundo, até que Jesus volte!

1

Joseph Bates, *A Seal of the Living God* (New Bedford, Mass.: Benjamin Lindsey, 1849), p. 26.

2

Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1915), p. 125.

3

Joseph Bates, S. W. Rhodes, J. N. Andrews e James White (Comissão Editorial), in *Second Advent Review and Sabbath Herald* (Paris, Maine), vol. 1, nº 1 (novembro de 1850), G. L. Mellen & Co., Impressores; James White (Editor), Joseph Bates, Hiram Edson e J. N. Andrews (Comissão Editorial), *The Advent Review and Sabbath Herald* (Saratoga Springs, New York), vol. 2, nº 1 (5 de Agosto de 1851), Davidson’s Printing and Stereotype Establishment.

4

S. W. Rhodes e James White, “The Paper”, *Review and Herald*, 17 de fevereiro de 1852, p. 96.

5

As histórias neste artigo são, em grande parte, retiradas de Merlin D. Burt, *Adventist Pioneer Places: New York and New England* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2011).

6

James White, *Life Incidents* (Battle Creek, Mich.: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868), pp. 292 e 293.

7

Ellen G. White, *Life Sketches*, p. 142; W. C. White, “Sketches and Memories of James and Ellen G. White: XIV. Beginnings in Rochester”, *Review and Herald*, 13 de junho de 1935, p. 10.

8

W. C. White, “Sketches and Memories”, *Review and Herald*, 13 de junho de 1935, p. 11; L. V. Masten, “Experience of Bro. Masten”, *Review and Herald*, 30 de setembro de 1852, p. 86; “Obituary”, *Review and Herald*, 14 de março de 1854, p. 63.

9

Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Battle Creek, Mich.: James White, 1860), vol. 2, pp. 191 e 191.

10

J. N. Loughborough, *Rise and Progress of Seventh-day Adventists* (Battle Creek, Mich.: General Conference Association, 1892), pp. 168, 179; W. C. White, “Sketches and Memories of James and Ellen G. White: XVI. A Visit to Michigan”, *Review and Herald*, 27 de junho de 1935, p. 5.

11

James White, *Life Incidents*, p. 297.

Comemoração

120

1904
2024

ADVENTISMO EM PORTUGAL

11H15

Pregação IASD Lisboa-Central
Pr. Mário Brito

Presidente da UPASD (1997-2006)
Atual Presidente da Divisão
Inter-Europeia

Transmissão em direto na
Novo Tempo Portugal

28

SETEMBRO

15H00

Programa exclusivo
na Novo Tempo Portugal

Uma viagem pela história
da Igreja Adventista do
Sétimo Dia em Portugal,
de 2024 até 1904.

